

The illustration depicts a young woman with long, wavy brown hair, wearing a dark green Victorian-style dress with a high collar and a large brooch. She holds a large, straight razor in her right hand, pointing it towards the viewer. Her left hand is extended outwards. The background features a stone fireplace with a fire, a mounted deer head with large antlers on the left, and a red shield with a black eagle on the right. A single candle in a brass holder sits on the mantelpiece.

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
da Crinolina
Misteriosa

NANCY SPRINGER

novo século®



NANCY SPRINGER

**O CASO DA
CRINOLINA
MISTERIOSA**



The case of the Cryptic Crinoline: an Enola Holmes Mystery
Copyright © 2009 by Nancy Springer
First published in the United States of America by Philomel Books,
a division of Penguin Young Readers Group, 2006
Published by Puffin Books, a division of Penguin Young Readers Group, 2007
All rights reserved
Copyright © 2012 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século
Editoração Eletrônica: Fama Editora
Capa: Rodrigo Valpassos
Tradução: Paulo Ferro Junior
Preparação de Texto: Ana Cristina Teixeira
Revisão: Cátia de Almeida
Diagramação para Ebook: Claudio Tito Braghini Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Springer, Nancy

O caso da crinolina misteriosa / Nancy Springer ; [tradução Paulo Ferro Jr]. — Osasco, SP :
Novo Século Editora, 2012.

Título original: The case of cryptic crinoline
1. Ficção norte-americana I. Título.

11-00350
CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2012

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar – CJ 1111
Barueri – SP – CEP 06455-000
Tel. (11) 2321-5080
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br
ISBN: 978-85-7679-685-5

Nota da autora

A respeito da Guerra da Crimeia e de Florence Nightingale, fiz o melhor para me ater aos fatos documentados. Entretanto, não há evidências de que Florence Nightingale tenha utilizado comunicações secretas; o emprego desses códigos foi invenção minha. Após a guerra, a famosa enfermeira realmente passou o resto de sua vida como uma inválida.

O porquê disso também é uma questão constantemente debatida entre os acadêmicos. E uma vez que ninguém tem certeza do que causou esta conduta peculiar de Florence Nightingale, tomei a liberdade de dar a ela minha própria interpretação. Florence, de fato, viveu em Mayfair, com vista para o Hyde Park, embora minha descrição de sua casa tenha sido necessariamente imaginária, já que a original não existe mais. E, embora seja verdade que Florence Nightingale foi bastante influente na política e nos assuntos da corte, Lorde Whimbrel e seus filhos são personagens fictícios.

Scutari, Turquia, 1855

(Aqueles que possuem coração fraco devem prosseguir e ir direto para o capítulo primeiro.)

No alto de uma colina, acima do porto, fica a imensa construção quadrada que costumava ser usada como quartel pelo exército turco, mas, agora, o local é o próprio inferno na terra. O fedor das carcaças inchadas — vacas, cavalos, pessoas — flutuando no mar não é nada comparado ao que paira dentro daquele imenso cubo de alvenaria. Ombro a ombro, em seu chão de pedra repousam homens feridos, doentes ou à beira da morte. A maioria são soldados britânicos. Muitos sequer possuem um colchão de palha ou um cobertor para aquecê-los. O inferno é relativamente quieto; tão profundamente, desesperados, indefesos e fracos são os pacientes em sua degeneração silenciosa, morrendo às centenas de infecção, gangrena e cólera.

Um desses homens, que repousa impossível, provavelmente não viverá para ver a noite se aproximando. É um jovem de apenas vinte anos de idade. Ao seu lado, uma garota bem mais jovem se encolhe assustada, é sua esposa há menos de um ano e veio com ele para este lugar terrível. Seguindo os regimentos com seus bebês nos braços, as esposas da maioria dos homens os acompanharam, pois aos soldados não é fornecida nenhuma maneira de enviar seus salários para casa, e longe de seus maridos essas mulheres morreriam de fome.

Na verdade, mesmo assim, muitas já estão morrendo de fome.

Tendo presenciado muita morte, e agora vendo seu marido morrer, a garota mantém seu mudo, trêmulo e mais silencioso sofrimento, como é característico de Scutari. Ela se dá conta de que também poderá morrer, e não ousa ter esperanças de que aquela nova vida que carrega em seu pequeno ventre consiga sobreviver.

Em uma divisória, um pouco mais distante dali, uma mulher, usando uma capa cinzenta sem forma e um capuz, limpa o pus incrustado nos olhos de um soldado. Desde que chegou a pouco tempo da Inglaterra, o pequeno e determinado grupo de enfermeiras, de alguma forma, havia conseguido melhorar a situação em Scutari. Elas haviam limpado os chãos imundos e banhado os corpos igualmente imundos, fervido e exterminado os piolhos de alguns dos cobertores. O soldado com os olhos infeccionados, poderia ficar cego, mas, assim como um daqueles que somavam menos da metade dos que haviam entrado em Scutari e saíam vivos, deveria se considerar um sortudo.

— Mantenha as mãos longe dos olhos, agora — a enfermeira disse para ele. — Não importa o quanto você queira esfregá-los, não os toque, pois suas mãos podem transferir impurezas para eles.

Passando pelos 12 quilômetros de divisórias chegou outra enfermeira, uma mulher magra e aristocrática, carregando uma lamparina, pois começava a anoitecer. Seu rosto oval é bastante meigo, simétrico e plácido. Seu cabelo, dividido ao meio, repousava suavemente como asas castanhas embaixo de uma touca branca de seda amarrada embaixo de seu queixo. Lentamente, seguia em frente, parando ao pé da cama de diversos pacientes e falando com sua voz macia e melodiosa.

— A carta para sua mãe foi enviada, Higgins... Não agradeça, estou à disposição. Você comeu hoje, O'Reilly? Bom. Eu trago um cobertor para você amanhã. Waters, usou uma esponja limpa?

Quando se deteve onde a enfermeira cuidava do homem que estava ficando cego, disse:

— Muito bom. Agora vá para seu quarto; está escurecendo.

Enquanto a enfermeira se afastava, a dama da lamparina continuou avançando. Parou onde a garota trêmula se encolhia ao lado de seu marido inconsciente. Depois de olhar para ele, a mulher colocou a lâmpada no chão de pedra fria e se sentou, colocou o pé descalço e azulado do homem em seu colo e começou a esfregá-lo rapidamente com as mãos, talvez tentando esquentá-lo um pouco.

— É o único conforto que posso dar a ele — disse à garota, que, com seus enormes olhos, estava sentada ao seu lado.

— Precisa ir agora, menina, mas pode voltar amanhã.

A jovem e magra esposa olha para ela, implorando ainda que sem palavras.

A mulher responde ao olhar como se respondesse a um pedido:

— Sei que você deseja ficar com ele, criança, mas as regras dizem que não deve haver mulheres nas divisórias durante a noite. Se não obedecermos, o exército pode nos mandar de volta para a cozinha ou, o que é ainda pior, de volta para a Inglaterra.

Sua voz macia nunca se ergue, e seu rosto, apesar de magro, não demonstra nenhum tipo de fraqueza, ressentimento ou frustração. Ele se mantém angelicalmente sereno mesmo quando pergunta:

— Você me entende?

E, percebendo que a garota não consegue ouvi-la, talvez pense que a criança a entenda. Apesar de a jovem mulher não se mover, não havia nenhum tipo de desobediência em seus olhos, apenas uma miserável exaustão.

— Venha — disse, colocando delicadamente o pé do moribundo no chão, pegando a lamparina e se colocando em pé. — Venha, eu te acompanho e ilumino o caminho.

Ela oferece a mão à garota e, depois de um momento, a jovem esposa estica o braço e aceita a assistência calorosa. A mulher a ajuda a se levantar. Por um ou dois segundos as duas ficam

paradas, de mãos dadas, sobre o que ainda se pode chamar de corpo.

Os lábios finos da garota se movem três vezes antes de, com uma estranha e trêmula aspereza, ela dizer:

— É meu marido — declara indefesa e sem necessidade.

— Eu sei, querida, mas mesmo assim você não pode...

— É um homem bom — a garota continua parecendo não ouvir.

— Seu nome é Tupper. Thomas Tupper. Alguém além de mim precisa se lembrar disso.

— Sim, é claro que precisa — tranquiliza a mulher com a lâmpada.

Aqueles que sobreviverem a Scutari irão tornar famoso o conforto da voz daquela mulher.

— Venha comigo agora, Sra. Thomas Tupper.

Capítulo primeiro

— Srta. Meshle... — disse a Sra. Tupper, enquanto retirava meu prato vazio — ...se tiver um minuto para se sentar e conversar um pouco...

— Srta. Meshle... — disse a Sra. Tupper, enquanto retirava

Antes que minha senhoria idosa e surda-como-uma-almôndega terminasse a frase, tinha minha total atenção, porque desta vez havia falado calmamente em vez de gritar como normalmente fazia. Na maioria das vezes, por causa de sua surdez, qualquer tentativa de conversar com ela era incomum. Na verdade, seu pedido para “conversar” era algo sem precedentes. Em geral, depois de um de seus jantares frugais (esta noite tivemos sopa de cebolinha, pois está na época, e pudim de pão), eu lhe faço um aceno com a cabeça, agradecendo, e me retiro para trás da porta trancada de meu quarto, onde posso me livrar do coque, das quinquilharias e roupas de baixo da “Srta. Meshle”. Depois me sento na minha poltrona macia, com meu pé sobre a almofada, e relaxo.

— Gostaria de um pequeno conselho — a Sra. Tupper continuou, enquanto pegava a sopeira de cerâmica branca e a colocava sobre o fogão como se fosse uma panela e, em seguida, limpava as sobras do pudim dentro do balde de lavagem em vez de jogá-lo no prato do gato.

Curiosa sobre o que a afligia, concordei e gesticulei, sinalizando meu desejo de ouvir.

— Vamos nos sentar — disse a Sra. Tupper.

Eu já estava, é claro, sentada à mesa, mas nos encaminhamos para a humilde “sala de estar”, do outro lado do único cômodo da casa da Sra. Tupper — sua casa, embora fosse muito limpa, não era mais do que um barraco. Enquanto me sentava, ela se encurvou, sentando-se na ponta de um sofá e me olhando fixo com seu olhar cinzento e aguado.

— Isso não é da minha conta, mas notei que há mais em você do que os olhos podem dizer — disse, como se sentisse necessário explicar por que confiaria em alguém tão jovem. — Você não é apenas uma trabalhadora, como parece ser, pois uma trabalhadora não se faz passar por uma mendiga, ou por uma dama bem-nascida, ou por uma freira...

Não tentei esconder minha surpresa; ela não deveria saber essas coisas. Se isso chegasse até meus irmãos, Mycroft e Sherlock, e eles descobrissem onde eu moro, no Distrito Leste de Londres, minha liberdade estaria correndo grande risco.

Mas a Sra. Tupper parecia não notar minha consternação.

— ...e sai no meio da noite para ajudar aqueles que estão com frio ou com fome — ela continuava —, e onde você consegue os meios é da sua conta.

E, erguendo os olhos para me ver, pois não era tão alta e a corcunda a deixava ainda menor, concluiu:

— Você é uma boa pessoa, Srta. Meshle, seja lá qual for seu nome verdadeiro...

— Enola Holmes — sussurrei involuntariamente.

Porém, felizmente, ela não conseguiu me ouvir e continuou distraída:

— ...e tem uma força que deve ser considerada. E estou me abrindo, pois sei que você pode me ajudar.

Diversas vezes ela havia *me* ajudado, cuidando de mim durante o frio ou quando estava com febre ou ferida, na ocasião em que o estrangulador me atacou. Pousava sobre mim um olhar materno —

eu que só podia imaginar como era ter uma mãe de verdade — a Sra. Tupper me forçava a comer salsichas no café da manhã e me encorajava nos meus momentos de melancolia. Sem dúvida lembrava as atitudes de uma mãe comum. É claro que eu queria ajudá-la.

— Por Deus! — exclamei, me inclinando em sua direção. — O que há de errado?

Ela, então, retira do bolso de seu avental um envelope que evidentemente chegou pelo correio e o entrega para mim. Acenando e gesticulando como se fosse eu, e não ela, a surda, encorajou-me a abri-lo e ler o que havia ali dentro.

A luz que entra durante o dia pela janela do andar inferior da Sra. Tupper — da qual ela se sentia legitimamente orgulhosa, já que há um imposto sobre cada janela de uma casa — é fraca, porém bem mais forte era a tinta usada para escrever a carta, um tipo de tinta negra bem densa, vinda da Índia, que tornava a leitura muito visível. Rabiscada ao longo do papel, com o tipo de caligrafia mais brutal que já havia visto: angular, furiosa e grafada com a força de uma arma, cada garrancho se iniciava leve e terminava pesado. Ali podia-se ler:

Pombo-correio, entregue a mensagem que este seu cérebro de passarinho guardou de uma vez, ou você se arrependerá de ter sobrevivido a Scutari.

Scutari? Lendo a carta pela segunda vez, eu não via nenhum sentido a não ser o de ameaça. Mesmo assim, por mais espantosa que fosse a mensagem, aquela caligrafia afiada era o que mais me alarmava.

— Você reconhece essa letra? — eu quis saber.

— Hã? — A Sra. Tupper colocou a corneta acústica.

E dentro dela gritei:

— Você conhece essa letra? — já adivinhando a resposta, pois, se o autor da ameaça desconfiasse que sua letra pudesse ser reconhecida, ele se preocuparia em disfarçá-la, talvez recortando letras dos jornais e as colando como fariam os vilões de histórias populares de ficção.

— Hã? Conhecer o homem? Como poderia?

Mas que inferno! Em momentos como este, desejava poder me comunicar com ela por meio de bilhetes. Mas, como a maioria das pessoas, a Sra.Tupper só conseguia ler muito devagar e com dificuldade.

— *A letra!* — tentei novamente.

— Nunca a vi antes. Eu me lembraria de um garrancho como esse, não é? — gesticulando, demonstrava preocupação e confusão. — Acho que ele deve estar me confundindo com outra pessoa.

— Talvez — eu disse, desconfiando, já que Tupper não é um nome muito comum. Na verdade nunca havia conhecido nenhum outro Tupper. Mas esse era, é claro, o nome do marido dela, que faleceu há muito tempo. Também deveria haver mais alguns parentes vivos em Londres.

— O Sr. Tupper tem família?

— Hã? — Ela encostou a corneta na orelha. E dentro dela vociferei:

— O Sr. Tupper!

— Morreu em Scutari. — A Sra. Tupper se encolheu como se estivesse com frio, embora fosse uma aconchegante noite de maio. — Faz quase trinta e cinco anos e nunca me esquecerei disso. Um lugar horrível. Era o inferno na terra.

Eu me recostei novamente na cadeira desconfortável, me reprimindo: Scutari. É claro. O quartel-general britânico na Turquia durante a Guerra da Crimeia. E perguntei:

— O Sr. Tupper esteve no exército?

— Hein?

Pouparei o gentil leitor disso. Deixe-me descrever de forma clara o que ela me contou nas horas seguintes de um jeito muito meio confuso. Para se entender, a Guerra da Crimeia foi um dos mais conturbados conflitos realizados pela estupidez humana: a Inglaterra e a França napoleônica, de todos os aliados improváveis, uniram-se à Turquia, uma nação ainda mais improvável, contra o gigante moribundo que era o império russo.

— Eles nem se perguntavam o porquê; era apenas vida ou morte.

Homens condenados atacando diretamente disparos de canhão, pelo bem de uma península esquecida por Deus no meio do Mar Negro: a Crimeia, habitada principalmente por piolhos do tamanho de aranhas, pulgas enormes e ratos tão grandes que fariam cães *terrier* fugirem de medo.

O Sr. Tupper, entretanto (a Sra.Tupper havia me explicado), havia viajado para a Crimeia a negócios, pois vendia aos soldados mercadorias que os fornecedores roubavam e não forneciam a eles. Vendo essa oportunidade, ele foi para lá, levando sua esposa a tiracolo, sem nem pensar duas vezes. Os dois eram ainda crianças. Eles haviam visto as esposas dos oficiais acompanhando seus maridos com carruagens cheias de criados, talheres de prata e roupas de linho, como se ir para a guerra fosse uma viagem de férias. De fato, centenas de mulheres acompanhavam os batalhões, desde vendedoras e prostitutas a irmãs de caridade, sem saber que muitas delas, assim como os homens, iriam morrer.

Não em meio às batalhas, mas em meio à doença.

— Foi a febre da Crimeia — explicou a Sra.Tupper. — Ali Thomas caiu sem saber de nada, com sangue saindo de suas orelhas, olhos, boca e nariz. Eu tentei ajudar. Paguei a alguns mendigos do lugar para deitá-lo em um carro de boi, e assim o levei

para um grande hospital em Scutari. — Ela balançou a cabeça se lembrando de sua própria inocência.

— Achei que talvez os médicos e as enfermeiras pudessem curá-lo. Ouvi dizer que havia enfermeiras vindas da Inglaterra.

Mas essas enfermeiras, como fiquei sabendo depois, ficavam sob comandos dos cirurgiões do exército, que as tomavam não apenas como mulheres que interferiam em um domínio masculino, mas sim como espiãs civis enviadas para arruinar o que havia sido um período bom com ideias maternais sobre como cuidar dos soldados. O exército colocou muitas restrições para esses seres irritantes. Em nome da decência, por exemplo, não era permitido que mulheres ficassem na enfermaria durante a noite.

A cada manhã, então, cabia a elas remover aqueles que estavam mortos desde o dia anterior.

Incluindo o Sr. Tupper.

— Eu o limpei como pude, o embalei como pude em seu cobertor, e eles o colocaram no mesmo túmulo enorme que os outros trinta soldados que haviam falecido durante a noite.

A Sra. Tupper me contou, explicando em seguida que, nesse meio-tempo, seus meios de vida, os pertences de seu marido, a tenda, os cavalos com as mercadores, etc. haviam desaparecido como fumaça, levados pelos ladrões que se aproveitam dos tempos de guerra. Deixando-a sem meios para voltar para a Inglaterra, ela se viu entre muitas outras renegadas às mais baixas regiões do inferno, que era Scutari. Abaixo do quartel, ou hospital, havia um labirinto de porões e foi ali que a Sra. Tupper se refugiou, junto a tantas outras viúvas, crianças que haviam ficado órfãs, velhos camponeses aleijados, pessoas abandonadas por suas famílias, todos os tipos de pedintes — grupo do qual ela agora fazia parte.

— E, além disso, eu não estava muito bem de saúde.

Mas, em vez de elaborar essa interessante declaração, a Sra. Tupper se levantou para acender algumas velas. Enquanto

estava de pé (não era pequena para sua idade; céus, ela não devia ter mais do que cinquenta anos!), abriu uma caixa de madeira esculpida, que eu frequentemente notava no centro de seu aparador. De dentro da caixa, retirou e me trouxe uma fotografia apagada para que eu visse.

— Essa foto do Sr. Tupper e eu foi tirada no dia do nosso casamento — declarou, enquanto eu estudava o retrato de dois jovens com as roupas estranhas do meio do século. — Ele com uma enorme gravata borboleta inclinada e ela com uma enorme saia por cima de aros e crinolinas, parecendo uma tigela invertida. Minha bondosa senhoria havia se tornado nostálgica, quase parecia que havia se esquecido da assustadora carta que lhe havia feito confiar em mim, em primeiro lugar.

Direcionando sua atenção de volta para a brutal missiva com suas letras negras, gritei em sua corneta de ouvido:

— O que você supostamente deveria entregar? Que mensagem? Para quem?

— Eu não sei! — Sentando-se novamente, ela se abraçou com seus braços magros. — Pensei e pensei e simplesmente não sei! Quando perdi o bebê e tudo mais, devo ter esquecido.

Algo estranho, quase um enjoo, um sentimento confuso tomou conta de mim e me deixou sem fala. Simplesmente não podia imaginar... Minha querida senhoria, aquela que agora passa os dias cozinhando rabos de boi e apalpando travesseiros, havia viajado para uma terra de bárbaros, perdido seu marido, e diz “não estava muito bem de saúde...”

A Sra. Tupper deve ter visto a miríade de questões estampadas e a surpresa em meu rosto.

— Nasceu morto — explicou. — E não me surpreende, pois estava quase morta de fome, minhas roupas eram trapos e não tinha nem uma cama onde me deitar naquelas cavernas e, mesmo

que tivesse, também não poderia dormir porque os ratos podiam roer meus dedos.

Com os braços ainda em volta de si, começou a balançar seu corpo para a frente e para trás.

— Era um lugar infernal. Pessoas ficaram loucas. Uma delas pegou meu bebê e o arremessou no mar. Eu tinha certeza de que também ia morrer e, naquele sofrimento, não me importava muito que isso acontecesse.

Eu sussurrei:

— E como você escapou?

E não houve necessidade de gritar em sua corneta de ouvido, pois ela entendeu muito bem minha pergunta, apenas por meu rosto ou por meus lábios.

— A enfermeira inglesa que estava lá — ela disse.

E concluiu:

— Engraçado, há anos não penso nela. Ela era bem famosa na época; os soldados a chamavam de Dama da Lamparina. Cuidou de centenas deles como se fosse uma mãe. A razão de ela encontrar tempo para se apiedar de mim foi um milagre. — Os olhos úmidos da Sra. Tupper pareciam não me ver, pois pareciam olhar para um lugar distante no passado. — Talvez ela tenha ouvido que eu não iria... — O rosto cansado de minha senhoria, branco como papel, se enrubesceu. — Eu não iria, se é que você me entende, continuar como aqueles que seguiam os batalhões... a maioria das mulheres ali embaixo faria qualquer coisa para conseguir comida e alguns centavos. E não as culpo, mas eu simplesmente não seria capaz... talvez tenha sido isso. Entretanto, algo aconteceu. Um dia, um dos aleijados que ela adotara me levou até ela. Estava no alto de uma das torres, e eu mal tinha forças para subir os degraus. Devia haver umas cem pessoas naquele quarto, balbuciando coisas em francês e indo e vindo com esponjas de banho e algodão para curativos e botões de camisas e limões e soluções de iodo e cardigãs tricotados

e capuzes e quem sabe o que mais; ela tinha seu próprio depósito ali.

— Qual era o nome dela? — murmurei, tentando me lembrar, pois eu também já havia ouvido falar dessa notável inglesa. Embora deva admitir que meu conhecimento sobre a Guerra da Crimeia era dolorosamente incompleto; minha educação, dependente da biblioteca de meu pai, foi focada em Sócrates, Platão, Aristóteles e coisas do tipo.

— Ela providenciou para que eu fosse banhada e alimentada — se admirava, a Sra. Tupper. — E me deu boas roupas, melhores do que as que vesti no casamento. Ela conseguiu minha passagem de volta para casa e pagou do seu próprio bolso. Ela era tão graciosa conversando comigo, apesar de não conseguir entender uma palavra do que ela dizia. Eu já era surda naquela época, mas nunca disse nada, pois esperava que aquilo passasse. Havia acontecido durante o tiroteio em Sevastopol, sabe, quando o Sr. Tupper e eu estávamos levando conhaque para as tropas, enquanto aquelas damas russas estavam sentadas em cima do morro com suas sombrinhas e cestas de piquenique, como se estivessem assistindo a um concerto musical.

Meu bom Deus. Ela esteve nas *batalhas*, também? Minha pequena e velha senhoria?

Sem saber em que pensar ou em como continuar essa entrevista incoerente, mais uma vez segurei a misteriosa carta que havia chegado em sua correspondência e mostrei a ela.

— Sra. Tupper — implorei. — Você tem alguma ideia...

Ela balançou sua cabeça desdentada com veemência.

— Simplesmente não sei! — ela gritou. — Isso não faz sentido. Eu não era ninguém naquele lugar!

Um ninguém muito corajoso, pensei. Mas, ainda assim, uma mulher que, por mero acidente, acabou no meio da guerra. Então, quem poderia ser seu inimigo misterioso, e o que ele — pois, sem

dúvida, aquela escrita violenta era de um homem — queria com ela?
Agora, trinta e quatro anos depois?

Apesar de correr o risco de nunca satisfazer minha curiosidade,
eu me senti no dever de ajudá-la nesse misterioso caso.

Capítulo segundo

Então, como toda jovem mulher virtuosa deve fazer, procurei os conselhos de uma cabeça masculina mais velha e mais sábia, consultando um homem experiente: o Dr. Leslie Ragostin, vidente científico — meu patrão.

Estou brincando. O Dr. Ragostin era fictício, uma invenção minha para que pudesse ter a oportunidade de procurar coisas e pessoas perdidas. Durante todo o dia seguinte, no trabalho, caracterizada de Srta. Meshle, secretária desse grande homem, eu me debrucei sobre o problema da Sra. Tupper: como lidar com o remetente dessa misteriosa e ameaçadora carta?

Como era meu costume, primeiro me sentei à minha mesa e compus uma lista de perguntas:

Por que “pombo-correio”? Por que ela estava indo para casa? Seria um pombo-correio e um pombo-transportador a mesma coisa? Chamar uma pessoa de pomba é um jeito bem estranho de insultar.

Os americanos chamam um informante de “dedo-duro”. Será que o que vamos chamar de X é americano?

“Cérebro de passarinho” em vez de “descuidada” também é típico de americanos?

Qual mensagem?

De quem?

Para quem?

O que isso tem a ver com X? Será que ele deseja recebê-la, interceptá-la, destruí-la?

Como ele chegou à Sra. Tupper?

Estaria em Scutari com ela?

Inútil, no geral. Eu realmente não sentia que aquela carta ameaçadora vinha de um americano. A América não se envolveu de nenhum modo na Crimeia e, além disso, havia algo bem europeu na caligrafia de ouriço de X, incluindo a tinta.

Inclui na lista:

Por que tinta da Índia? Usada para desenhos feitos com pena e tinta;

Seria X um artista?

Então, fiquei ali sentada, olhando com a cara feia para a lista sem nenhum outro pensamento que valesse a pena, até que Joddy, o meu garoto de recados, entrou com os jornais da manhã e, como era maio, um buquê de lilases que havia pedido por causa de seu aroma celestial.

Não consegui nada mais naquele dia a não ser compor, batendo na moderna máquina de escrever moderna que havia comprado recentemente o seguinte recado para ser colocado na página de anúncios pessoais do jornal:

O pombo-correio não tem mensagem, não sabe de mensagem, não pode entregar nada.

Perguntas posteriores não teriam propósito. Por favor, desista.

Sra. T.

“T” de Tupper; não sabia o primeiro nome da Sra.Tupper.

Aliviada por encontrá-la na cozinha aquela tarde, cozinhando uma de suas misturas apavorantes e não demonstrando ter acontecido nada de pior para temer, mostrei o recado a ela e recebi sua permissão para colocá-lo nos jornais.

No dia seguinte, datilografei inúmeras cópias, deixando-as em todos os jornais diários de Fleet Street. Esperei que isso colocasse um ponto-final no caso.

Gostaria que fosse assim.

Era uma quarta-feira. *O pombo-correio não tem mensagem* foi publicado numa das edições matutinas da quinta. No final da tarde de quinta, enquanto seguia meu caminho à desmantelada casa da Sra.Tupper, esmagada entre os cortiços do Distrito Leste, meus pensamentos estavam concentrados no jantar, esperando que fosse algo ao menos remotamente palatável. Subi os degraus da frente esperando sentir algum aroma — de ensopado de arenque, ou de fígado de frango, ou de algum tipo de carne menos nojenta —, mas, no momento em que abri a porta, todos esses pensamentos sumiram de minha mente.

Vi gavetas abertas, cadeira viradas, prateleiras jogadas no piso, louças estilhaçadas no piso de madeira.

Senti cheiro de fumaça de cigarro e óleo de baleia pingando de uma lamparina quebrada, e o angustiante odor físico do medo.

Ouvi o som sufocado de alguém chorando.

— Socorro! — disse uma voz feminina abafada, soluçando. — Por favor, me ajude! — o som torrou meu coração, pois que tipo de vilão desprezível faria mal ou machucaria uma doce velha surda como a Sra.Tupper?

E o que mais ele poderia fazer?

Será que ele ainda estava ali?

Segurando a adaga que escondia no meu corpete — com seu punhal disfarçado como um imenso e horrível broche, que se aninhava entre os botões, embainhada em meu espartilho —, com a arma na mão, entrei na casa invadida, olhando atentamente ao meu redor enquanto seguia adiante. Podia vê-la agora, as mãos e os pés amarrados, amordaçada com um pano de prato amarrado em volta de sua cabeça...

Não era a Sra.Tupper!

— Eles me bateram!

Amarrada a uma das cadeiras da cozinha, estava a garota magrela de talvez uns doze anos de idade, cujo rosto enfaixado, molhado e vermelho não reconheci de primeira enquanto cortava a corda que amarrava seus pés e mãos. Mas, assim que ela arrancou a mordaça, percebi que era Florrie, a ajudante da Sra.Tupper, quem eu só havia visto poucas vezes, já que geralmente ela terminava seus afazeres antes que eu chegasse em casa.

Onde estava a Sra.Tupper?

— Eles colocaram as mãos em mim! — Florrie vomitava uma torrente de desgraças da qual não se conseguiria tirar nenhum sentido, enquanto eu queimava de medo de que minha senhoria estivesse caída sem sentidos, ou machucada, ou... ou pior.

Mas não vi nenhum sinal dela no primeiro andar. Deixando Florrie com suas histerias, eu me apressei até o quarto da Sra.Tupper, com a adaga na mão. Porém, não encontrei mais do que ruínas — o estrado da cama havia sido arremessado para o lado e tudo do guarda-roupa e da penteadeira estava jogado no chão. Não se podia ver nem um milímetro do carpete tal eram os montes de lençóis e cobertores misturados com sapatos, saias, xales e roupas que não posso mencionar, que no começo pensei que a Sra.Tupper pudesse estar deitada em algum lugar embaixo daquilo tudo. Deixando minha adaga de lado, como um texugo louco, escavei por entre as roupas de cama, revistas baratas, vestidos de ficar em casa, remédios para reumatismo, aventais e roupões e — e... o velho chapéu negro de domingo da minha senhoria...

Segurando o respeitável chapéu, que recentemente havia sido enfeitado com novas fitas para a Páscoa, eu me senti enjoada, mas muito mais calma, mais sã.

Peguei a adaga e voltei a guardá-la, raciocinando que, se ainda houvesse algum bandido na casa, já teria me atacado; e Florrie teria fugido da cozinha, de onde continuavam vindo suas lamentações, ecoando escada acima.

Sem sucesso em encontrar a Sra. Tupper em seu quarto, chequei o meu. Estranhamente, ele não havia sido revirado como o resto da casa. Olhei dentro do guarda-roupa e embaixo da cama. A Sra. Tupper — ou o que eu temia encontrar: seus restos mortais — não estava lá.

Desci correndo os degraus. Florrie havia se mexido apenas para se levantar, mas suas lamentações progressivamente estavam tomando a forma de palavras.

— Cavaeros, mia mauns e pies! — Pouco inteligível; mas eu conseguia captar algumas palavras de vez em quando. — Tram drepente qui... tapeiam nina espetavu... todo ses e setes...

— Onde está a Sra. Tupper — eu a interrompi.

— Ca de rato qui vei desgoto...

Eu a segurei pelos ombros. Com dificuldade consegui me segurar para não sacudi-la.

— Florrie, onde está a Sra. Tupper?

— Ela fazendo pudim com farinha nas mangas dobradas, nada na cabeça a não ser a touca...

Eu prossegui e sacudi a garota obtusa, gritando:

— Onde está a Sra. Tupper?

Balançando-se para se soltar de minhas mãos, Florrie gritou para mim como se eu fosse a estúpida:

— É o que eu estou dizendo! Eles levaram ela!

Necessitei de uma excruciante hora para conseguir tirar de Florrie o que havia acontecido. Nada a persuadia a se acalmar, e, no fim, precisei dizer que chamaria um policial. (O que eu não poderia fazer, pois eu era uma fugitiva procurada pela Scotland Yard

e também pelos meus formidáveis irmãos — mas a garota não sabia disso.) Florrie, como uma típica garota do Distrito Leste, temia em ter qualquer envolvimento com a polícia, então, ela se sentou em uma das cadeiras da cozinha como eu pedi que fizesse e tentou falar sensatamente.

— Eles estavam vestidos como cavalheiros, caso contrário não os deixaria entrar.

— Quantos? — Eu havia colocado a chaleira no fogo e estava tentando encontrar uma xícara que não estivesse quebrada, para que eu pudesse lhe fazer um pouco de chá.

— Dois sujeitos grandes e barbudos.

— E como é que eles eram?

— Tinham barba de anarquistas.

E provavelmente eram falsas. Com o máximo de paciência que era capaz, respondi:

— Além das barbas. Qual era a cor dos cabelos deles, por exemplo?

Ela não se lembrava.

— E a altura?

Ela não conseguia dizer ao certo. Eles pareciam imensos.

— Que idade você acha que eles poderiam ter?

Um parecia mais jovem do que o outro, mas não tanto que se pudesse notar. E por aí foi. A pouca inteligência da pobre garota havia sido profundamente danificada pelo terror.

Compreensivo. Até onde eu conseguia juntar as peças, os dois estranhos barbudos bateram na porta, pediram educadamente para falar com a Sra. Tupper e, uma vez dentro da casa, mudaram totalmente o tom, exigindo que ela entregasse a mensagem para o Pássaro.

— *O quê?*

— Ele ficavam dizendo que ela deveria dizer o que sabia para o Pássaro.

— Um Sr. Pássaro, talvez?

— Não era senhor, nem senhora, só “o Pássaro”, foi o que falaram, gritando na corneta acústica: “A gente sabe que você era espiã do Pássaro!”.

POMBO-CORREIO, a carta misteriosa e ameaçadora que havia sido endereçada à Sra. Tupper a instruía a entregar a mensagem de CÉREBRO DE PASSARINHO. Então, ela era um pássaro que tinha de se reportar a um Pássaro?

Por mais bizarro que parecesse, um padrão emergia daquilo. De outro modo, eu poderia não acreditar no que a ignorante garota, ainda sem fôlego, balbuciava:

— “O que você tem para o Pássaro”, eles ficavam gritando, e ela disse várias vezes que não tinha nada, e depois eles bateram nela...

Patifes! Como podem bater em uma pobre velha?

— ... e bateram em mim quando interferi...

Florrie havia tentado intervir? Meus sentimentos pela garota se acaloraram imediatamente.

— ... eles me amarraram e começaram a procurar por aí.

— Mas... procurar *o quê*?

— Eu não sei, senhorita, nada além do que a Sra. Tupper sabia. Ela estava tão confusa que chorava.

— Bandidos — murmurei, colocando uma xícara de chá na frente da garota.

— Sim, senhorita. Obrigada, senhorita.

— Acho que não há açúcar. Derramaram tudo. — Andei pelo lugar destruído, incapaz de me sentar com ela.

— E aqueles covardes conseguiram encontrar o que estavam procurando?

A garota tomou um grande gole de chá, o que eu não poderia invejar, e finalmente disse:

— Ah, como eu posso saber, Srta. Meshle?

Maldita! Eu quis arrancar o chá dela. Só porque ela tinha sido amarrada de costas para a porta, para que não pudesse ver, ela não podia *ouvir* algo? Da maneira mais calma e civilizada que consegui, perguntei e ela informou que um dos bandidos disse que eles deveriam “levar a morcega velha e surda para que ele pudesse perguntar pessoalmente”.

Sem dúvida, os brutamontes não encontraram “a mensagem para o Pássaro”.

E quem diabos eram *eles*?

Haveria mais alguma coisa que eu pudesse arrancar de Florrie?

Forçando-me a sentar, para que eu não ficasse em posição superior à infeliz garota, comecei meu interrogatório mais uma vez, porém sem nenhum resultado satisfatório, a não ser uma informação adicional de que ao sequestrador mais velho faltava um dente. (Disso, posso concluir que não pertencia a uma classe social requintada.) Quando Florrie — um nome ridículo, mas popular; parecia haver Florries em todos os lugares —, a obtusa garota, começou a chorar novamente, soube que era hora de desistir.

— Muito bem, Florrie — dei-lhe um xelim. — Corra para casa agora, conte para sua mãe tudo o que aconteceu e peça para ela espalhar por aí.

Na verdade, eu não seria capaz de silenciar a mãe de Florrie, uma lavadeira, mesmo se quisesse, pois sua língua irlandesa servia como megafone para a vizinhança.

— Por favor, faça com que todos saibam o que aconteceu. — E segurei uma nota de uma libra para reforçar uma persuasão monetária. — Que todos saibam que quem viu aqueles homens levarem a Sra. Tupper, ou quem souber qualquer coisa sobre isso, pode vir me informar na mesma hora.

Ainda tentando respirar com o nariz entupido, Florrie concordou e então saiu correndo porta afora.

Capítulo terceiro

E eu também saí, imediatamente depois de Florrie, ainda com meu vestido de popeline listrado e franzido, meu chapeuzinho tolo, os brincos de vidro verde e os cachos falsos, pois a Srta. Meshle era uma visão familiar naquela rua, e seus outros habitantes não hesitariam em falar comigo. E, entre eles, esperava encontrar uma testemunha do sequestro da Sra. Tupper.

E assim foi, em abundância, pois um veículo puxado por cavalos era raridade naquelas estreitas ruas de pedra, e os não esperados visitantes da Sra. Tupper chegaram em nada menos do que uma carruagem. Muitos dos vagabundos da rua a haviam notado.

O pedinte “cego” da esquina divulgou que os estranhos haviam chegado em uma brilhante carruagem negra de quatro rodas, puxada por um homem ofegante e vermelho, e o cavalo era um alazão.

O merceeiro da esquina havia visto um faetonte¹ com a capota erguida, um brasão de armas na porta e um tipo indescritível de condutor, além de um cavalo negro que seria perfeito para um funeral.

A esposa dele concordou que havia o desenho de um cervo branco ou unicórnio ou algo parecido na porta do veículo, mas disse que era um caleche com a capota levantada, e não um faetonte, e que o cavalo era marrom. O condutor era baixo e atarracado, com um queixo proeminente.

O verdureiro havia visto uma carruagem de quatro rodas amarelas brilhantes, porém, sem nenhum brasão das armas; era puxado por um cavalo castanho e guiado por um homem alto de rosto inchado e nariz vermelho, obviamente alguém que bebia muito, parecido com um irlandês.

O vendedor de bolos disse que um táxi cinzento em mau estado estava parado em frente à casa da Sra. Tupper. O cavalo negro e pesado parecia “mais adequado para puxar um arado”, e o condutor tinha uma sobancelha única “mais grossa do que a cobertura de uma choupana” e que corria como um telhado por sobre seu nariz.

A “dama da noite” da nossa rua, que também era uma “dama do dia” quando a oportunidade se apresentava, disse que havia abordado o condutor enquanto a carruagem estava em frente à casa da Sra. Tupper, mas que havia sido rudemente rechaçada. Ela disse que ele se parecia muito com qualquer outro homem: dois olhos, boca, nariz no meio do rosto. Disse também que a carruagem era negra com rodas vermelhas brilhantes, sem brasão, e que o cavalo era um ruão.

As crianças de rua eram mais criativas ao dizer que o cavalo era preto, marrom ou vermelho, e que o veículo era um táxi de quarto rodas, uma carruagem ou um coche, que o condutor era baixo, alto, gordo, magro, velho, novo. Concordaram apenas que ele não era nada amigável, e que não havia lhes atirado nem um centavo e que ainda os havia ameaçado com seu chicote.

A respeito das descrições dos *ocupantes* do táxi/faetonte/quatro rodas/caleche/carruagem/coche, ou seja, os homens que sequestraram a Sra. Tupper, ninguém parece tê-los visto saindo do veículo e entrando na casa. E ninguém, *ninguém*, sequer viu os sequestradores saindo da casa carregando a Sra. Tupper, ou notou em qual direção foram. Aparentemente, a curiosidade dos vizinhos foi apenas na chegada, e não na partida deles. E, àquela altura,

mesmo que alguém *houvesse* me contado como eram, eu não teria acreditado em nenhuma palavra.

Com vontade de gritar de frustração, quase desespero, voltei para casa, com receio de que chegassem notícias vindas de Florrie ou de sua mãe, ou um pedido de resgate dos sequestradores, ou algo assim.

A hora do jantar já havia passado a muito tempo, mas eu não pensava em comer, nem conseguia me obrigar a sentar, descansar e esperar. Em vez disso, andava pela sala revirada, chutando a louça quebrada que estava no caminho e tentando pensar. Dois homens rudes exigindo uma mensagem? *Sabemos que você era espiã do Pássaro*. Sra. Tupper, uma espiã? Ridículo.

O que nesse absurdo seria o significado de “o Pássaro”?

Qual seria a mensagem? Minha compreensão parecia tão fraca quanto a única vela que eu carregava para iluminar a casa, já que há muito o dia havia se tornado noite.

Em que diabos de confusão a Sra. Tupper havia se metido? Eu não podia imaginá-la escondendo de dois brutamontes qualquer informação que eles quisessem arrancar. A Sra. Tupper, por todas as suas aventuras na Crimeia, não me parecia ser o tipo de pessoa adepta a atos de heroísmo. Eu acreditava que, se ela tivesse qualquer pista sobre o que os bandidos queriam, teria entregado a eles imediatamente.

No entanto, era evidente que eles haviam partido sem essa informação. Então, por que a levaram com eles? Eles acreditavam que ela sabia onde estava, e a intenção deles era que seu mestre ou patrão — o homem que eu chamava de X, ou talvez o misterioso Pássaro — a induzisse a contar onde a coisa estava.

Coisa? O que é essa “coisa”?

Os dois intrusos haviam revirado a casa como se procurassem algum objeto físico.

Mas, obviamente, não o encontraram.

Assim como era óbvio que a Sra. Tupper não sabia nada a respeito disso.

No entanto, poderia essa coisa estar aqui mesmo assim?

Quando era uma garotinha — a menos de um ano, naquela época antes de minha mãe partir sem avisar, que mais parece um passado distante, aqueles dias de campos verdes com seu cheiro doce antes dessa fuligem cinzenta de Londres —, quando eu sentia que tinha treze e não trinta anos, como sinto agora, costumava correr pelos bosques de Ferndell Park, minha casa, procurando coisas, qualquer coisa; eu apenas procurava. Subia em árvores, espiava dentro das fendas das pedras, fingindo que ali havia algum tesouro para ser encontrado. A coleção que consegui reunir incluía penas de gaio, caramujos com listras amarelas, o brinco cor de granada de alguém, ovos de batuíra, moedas de centavos que já tinham se tornado verdes, pedras interessantes que suspeitava conter gemas... Suponho que continuo procurando coisas de valor em lugares improváveis: esse se tornou o objetivo de minha vida.

E, então, eu me comprometi a fazer uma busca na casa da Sra. Tupper. Comecei a tarefa não só com uma energia que nascia do desespero, mas também com o interesse de uma boa curiosa e um olho com prática em notar qualquer coisa incomum, qualquer coisa mesmo.

Como os misteriosos intrusos haviam espalhado as humildes posses da Sra. Tupper da maneira mais rude possível, optei pela abordagem oposta: coloquei as coisas no lugar. Acendendo cada vela, lanterna e lamparina (desafiando escandalosamente a parcimônia habitual do lugar), centímetro a centímetro, inspecionei a casa e cada item ali dentro, recolocando-os de volta no lugar a que pertenciam.

Ou, no caso de louças quebradas, varrendo os cacos e depositando-os na lata de lixo.

E também estavam estilhaçados os dois *spaniels* de cerâmica que guardavam a abóboda da lareira. Inspecionei a superfície de seus interiores cuidadosamente, mas não vi nenhum sinal de que algo havia sido escondido dentro deles.

O conteúdo da caixa de lembranças da Sra. Tupper repousava revirado e espalhado pelo chão. Inspecionei-as enquanto as reunia: a certidão de batismo da minha senhoria, tão velha e quebradiça, que havia se partido em pedaços ao longo das dobras; igualmente antigos e em tom sépia, os retratos provavelmente dos familiares e outro com crianças enfileiradas rigidamente promovendo a Escola Hoisington das Irmãs de Caridade — a Sra. Tupper havia feito o bem para aqueles que a educaram! —; a fotografia do casamento que eu havia visto antes e o seu certificado amarelado; os documentos da casa etc. Vendo tudo isso, descobri que o primeiro nome da Sra. Tupper era Dinah, mas nada além disso.

Já era tarde, mas não conseguiria dormir; continuei trabalhando. Quando terminei de inspecionar e arrumar a cozinha e a sala de estar, para meu descontentamento, eu me obriguei a partir um pedaço de pão e me forcei a comer, sabendo que precisava salvaguardar minhas forças. E então, roendo a casca, subi as escadas com dificuldade, pronta para atacar o quarto da Sra. Tupper.

Primeiro, e apressadamente, maldizendo o tempo, parei no meu quarto para me livrar do corpete que a cada minuto me irritava mais, do aperfeiçoador de busto, dos reguladores de quadril, e de outras parafernalias da Srta. Meshle. Com um alívio silencioso, tirei meu disfarce de mulher encorpada, dona de uma bela cabeleira, para voltar a ser a garota mirrada de sempre. De meias compridas, roupão e com meus próprios cabelos finos e minha cara de fatia de queijo, continuei minha tarefa.

Cada uma das gavetas da penteadeira da Sra. Tupper havia sido revirada. Com a vela acesa na mão, inspecionei aquele humilde

item de mobília procurando fundos falsos, onde papéis e bilhetes pudessem ser escondidos; eu inclusive a desencostei da parede e olhei a parte de trás, e examinei cada gaveta, por dentro e por fora, enquanto as recolocava no lugar. Nada.

Com um suspiro, comecei a recolher as roupas jogadas em cima da cama e do chão. Enquanto dobrava as pantalonas simples e fora de moda da Sra. Tupper, para recolocá-las na gaveta, lágrimas escorriam por meu rosto; imagine ter homens desconhecidos colocando as mãos cheias de calos em suas roupas íntimas e dentro do seu quarto! Isso é terrível. Meus sentimentos de ultraje choroso continuaram enquanto verificava o guarda-roupa vazio, até que retornei a catar as roupas esparramadas e amassadas para recolocá-las em seus cabides ali dentro. A Sra. Tupper era uma mulher boa e decente, pensei, enquanto lidava com as blusas de musselina e saias de lã, algumas cuidadosamente remendadas, que ela usava nos dias úteis. Sem dúvida, ela usava blusa, saia, avental e uma toca artesanal franzida quando foi levada embora. Devia estar muito aflita, pois a Sra. Tupper nunca se deixa ser vista na rua sem primeiro trocar seu avental por um “alfineteiro” branco engomado e sua toca por um chapéu!

Saias são para uso diário; ocasiões especiais exigiam vestidos, e a Sra. Tupper cuidava de seus vestidos do mesmo modo que tratava de todo o resto: com parcimônia, moderação e ordem. Ela não possuía mais do que quatro vestidos.

Toda primavera pensava muito antes de comprar um vestido novo, sensato e apropriado, e que ainda estivesse razoavelmente dentro da moda atual, para uma mulher da sua idade e de sua condição social humilde. E todo inverno “reformava” um dos seus vestidos velhos, desmontando-o, virando o tecido para o lado que não estava manchado e alterando seu corte e costura para estar de acordo com as tendências atuais. O que não podia mais ser salvo, ela descartava. Não guardava nada fora de moda: havia se livrado

de sua anquinha, por exemplo, depois de um ano que aquela ridícula protusão dorsal, mais parecida com uma prateleira, havia saído de moda.

Foi um pouco surpreendente, entretanto, encontrar entre as outras roupas que resgatei do chão um vestido que se usava com crinolina fora de moda, que devia ser dos tempos em que era muito difícil para uma mulher na moda passar com sua saia pela largura de uma porta. Este vestido era muito bem-feito, cheio de babados, até nos ombros, e metros e metros de seda azul da prússia em sua vasta saia, formando um círculo inteiro no estilo que era usado trinta anos atrás.

Será que a Sra. Tupper, com sua mente econômica, guardou esta relíquia para fazer uso do tecido?

Mas ela já teria cortado e feito uso dele há muito tempo.

Uma lembrança sentimental, então? Seu vestido de casamento? Era o suficiente para mim.

Não, eu tinha visto a foto do casamento da Sra. Tupper, e ela não estava usando este vestido.

Então por que, em nome de Deus, dado seus hábitos sovinas e o espaço limitado de seu guarda-roupa, ela preservou este vestido volumoso?

E também vi minha surpresa se renovar quando olhei na direção do próximo traje que me esperava no chão: ela também havia guardado sua crinolina!

Capítulo quarto

O gentil leitor, bondosamente, entenderá que não estou tentando me desculpar; estou apenas relatando a verdade deste caso, e, quando digo isso, neste momento, o dia amanhece literalmente e não mais metaforicamente. Passei a noite toda acordada, e, em consequência disso, fui ficando mais burra. Olhei para aquela crinolina sem nenhuma percepção analítica, apenas com uma mera perplexidade feminina: ninguém mais usava essa coisa abominável desde 1860, ou aproximadamente isso. Assim, por que a Sra. Tupper tinha uma?

Pegando a crinolina, sentindo seu peso e a rigidez da goma e de seu tecido de linho de crina de cavalo, pude ver bem que, embora agora estivesse sem a goma e bem lisa, havia sido muito bonita, apropriada para dar suporte e expandir inclusive as nove-jardas-de-tecido-franzido-e-cheio-de-babados daquela saia. Construída na forma de uma anágua montada em camadas, a crinolina se ampliava exageradamente do topo até a base, cada camada muito maior que a anterior à qual era unida, a costura era coberta por uma grossa fita de gorgorão com flores bordadas.

Eu me peguei olhando para esses enfeites floridos.

Diferentemente do que ocorre com a maioria das damas bem-nascidas, nunca me ensinaram a bordar. Minha mãe, uma sufragista, desdenhava das honras de uma sala de desenho e me encorajava a ler livros, andar de bicicleta, caminhar pelos bosques, subir em árvores, em vez de moldar rosas de cera, fazer colares de conchas, bordar lencinhos ou colar miçangas em caixinhas de

óculos. Eu sabia como fazer pequenas costuras cotidianas, é claro, como cerzir ou remendar meias, mas nenhum tipo de costura decorativa.

Então, perversamente, admirei muito os adornos de fita azul com flores bordadas nas cores pêssego, amarelo, lavanda e em outros adoráveis tons pastéis da crinolina, pois, de fato, achei os ramalhetes bordados muito bonitos e desejei saber como fazê-los. Até agora, só havia aprendido a dar pontos básicos ensinados pelo *Jornal das Garotas* — bem, apenas dois, na verdade, o ponto francês e o ponto margarida, que eu reconheci nas fitas da crinolina. Nunca havia visto fitas bordadas antes, mas esperava algum padrão repetido; o gorgorão azul, entretanto, era decorado com uma sequência doce e simples, aleatória em suas cores e na disposição, rosas selvagens e trientales — bastante simpático e ao mesmo tempo fácil de se fazer, percebi olhando mais de perto. As trientales eram feitas de cinco pontos margarida em volta de um ponto francês, e as pequenas rosas não eram nada mais do que linha envolvendo três pontos cruzados.

No que é que eu estava pensando? Minha pobre e surda senhoria desaparecida, sequestrada, talvez ferida ou até mesmo assassinada... e eu ali olhando para *bordados*?

Atirando a crinolina no guarda-roupa, continuei minha busca por algo que pudesse me ajudar a explicar o que havia acontecido com a Sra. Tupper, ou algo que me desse alguma pista de seu paradeiro. Depois de guardar suas poucas roupas que restavam, examinei a cama enquanto a arrumava, olhando para o criado-mudo e o suporte para lavabo. Até estudei as pilhas de periódicos de fofocas e de moda que ela mantinha no quarto, mas sem nenhum resultado útil. Virei inclusive o carpete, e não encontrei nada embaixo dele. Com um suspiro, eu me sentei na cama dela, olhando em volta e tentando pensar. Eu olhara para o chão, analisara as paredes. Enfim, me deitei para vasculhar o reboque do teto...

Fui acordada uma hora ou duas depois por Florrie.

— Ah, Srta. Meshle — ela engasgou —, que susto me deu. Todas as lâmpadas acesas e nenhum sinal de você lá embaixo ou no seu quarto... achei que tinham voltado e a levado também!

— O quê? Quem? — balbuciei, momentaneamente incapaz de me lembrar onde estava e o que estava fazendo, ou mesmo *quem* eu era. Srta. Meshle? Achei que meu nome fosse Enola Holmes.

— Srta. Meshle — disse Florrie, ansiosamente. — Você não parece com você. Parece que perdeu tanto peso essa noite se preocupando com a Sra. Tupper e tudo, é um mistério se ela ainda está viva.

A menina simplória nunca havia me visto sem todo o acolchoado que utilizo e sem os artifícios de borracha que normalmente uso para estufar minha boca e narinas, para encher o formato de meu rosto. Eu estava bem diferente, tenho certeza, e ela achava que a mudança se dera por conta do desaparecimento da Sra. Tupper.

— Agora ela deve estar morta, foi o que minha mãe disse...

Isso me colocou de pé na hora.

— Florrie, por favor, calma! — a Sra. Tupper, morta, assassinada? Que besteira! Bem, talvez não seja besteira... Mesmo assim não ousei dizer que sim.

Florrie não se acalmou.

— ...Mas o resto de nós tem que continuar vivendo e, se você ainda não comeu nada, você precisa de um ovo e uma xícara de chá, imediatamente.

Que criatura estranha era essa garota, com seu jeito ossudo e desajeitado e seu rosto redondo, infantil. Tentando tomar conta de mim, certamente. Eu me peguei quase sorrindo, enquanto me sentava à beira da cama de minha senhoria.

— Florrie — perguntei gentilmente —, há alguma notícia da Sra. Tupper?

— Não sei o que chamaria de notícia, senhorita, pois as pessoas não falam de outra coisa. Alguns dizem que ela foi levada pelos anarquistas vermelhos, mas outros dizem que foram as gangues da região portuária as culpadas, e outros dizem inclusive que foi Jack, o Estripador — Florrie tremia. — Não pode ser isso, pode, senhorita? A Sra. Tupper era uma mulher respeitável.

Ela já usava o verbo no passado, e isso me fez levantar.

— Ela ainda é, tenho esperança. E você está certa, Florrie, preciso de algo para comer para que possa pensar melhor no que fazer.

De acordo com os relatos do Dr. Watson a respeito do meu irmão, Sherlock, fome e sono aumentam a acuidade do processo mental dos grandes detetives, mas aí de mim que — maldizendo o tempo — descobri que funciono muito melhor quando descansada e alimentada.

— Está certo, senhorita. — Florrie começou a descer os degraus.

Mas, quando me virei para segui-la e sair do quarto, meu olhar se prendeu no guarda-roupa ainda aberto, e em seu conteúdo.

— Florrie — chamei a garota. — Você saberia me dizer por que a Sra. Tupper guarda isso? — E puxei o esquisito e fora de moda vestido azul de seda.

— Ah, sim, senhorita! — Com um entusiasmo considerável, Florrie mudou de rumo, voltando correndo para o quarto. — Ela me mostrou uma vez, senhorita, porque ele foi presente da mulher que me deu o nome. Bem, não a mim, exatamente, eu recebi o nome da minha tia, mas minha tia recebeu esse nome por causa dela.

Maldita tagarela: ela fazia minha cabeça doer. Acho que perseverarei nisso porque não havia mais nada a fazer.

— Quem?

— A mulher, senhorita, aquela que deu o vestido para a Sra. Tupper!

Eu respirei fundo.

— Comece de novo, Florrie. Devagar, por favor. Quem deu esse vestido para a Sra. Tupper?

Ansiosa para me agradar, Florrie franziu a testa preocupada.

— Eu esqueci o nome exato dela, senhorita, mas era famosa naquela época. A Dama da Lamparina, é assim que a chamavam quando a tia Flo nasceu, mas ninguém sabe mais nada dela há alguns anos.

A Sra. Tupper havia dito algo a respeito de uma mulher com uma lamparina, não havia? Com algum esforço, meu cérebro fraco começou a fazer conexões. Trinta e quatro anos atrás, agora esquecidos. Guerra da Crimeia. *Boas roupas ela me deu, melhores do que as que usei no casamento...* isso que segurava em minhas mãos devia ser uma crinolina do meio do século.

— Agora, qual era o nome daquela mulher? — Florrie murmurou.

Um daqueles nomes intrigantes que um dia foram famosos, mas que, lentamente, caíram no esquecimento... Seria possível que tudo isso tenha algo a ver com nossas dificuldades imediatas e urgentes?

— Isso não importa. — Coloquei o vestido de volta no guarda-roupa e fechei as portas. — Venha comigo, Florrie.

A garota me obedeceu, seguindo-me escada abaixo, mas continuava murmurando.

— Florence. Florence alguma coisa. — Enquanto eu desmoronava numa das cadeiras da cozinha, ela colocava a chaleira no fogo. — Um nome diferente, algo a ver com escuro. Blackwell? Blackwood? Blackbird?

De repente, algo me veio à mente.

— Florence Nightingale.

— É isso! — Florrie parecia muito aliviada. — Nightingaol.

— Não é Nightingaol — interrompi, esquecendo de esconder meu sotaque aristocrático, tamanha minha fadiga e irritação. — Nightingale é rouxinol em inglês. E rouxinol é um passarinho doce e cantante da família dos melros...

Dentro da minha mente, experimentei a sensação revocativa da pólvora de um *flash* explodindo sobre uma câmera fotográfica, e me levantei como um foguete, quase subindo na mesa.

— Deus meu! — gritei, incontrolavelmente. — O Pássaro!

Capítulo quinto

A Dama da Lamparina já deve ter falecido a esta altura, presumi, porque qualquer veterano da Guerra da Crimeia que já conheci estava à beira do túmulo, e estes homens eram bem jovens na época do conflito. Como Florence Nightingale era uma mulher de meia-

-idade e, certamente, como há anos não ouço menção de seu nome, ela deve ter falecido há muito tempo. Mas, talvez, algum sobrevivente da família possa saber algo sobre a história da Sra. Tupper, ou mesmo seu paradeiro atual? Era uma pista muito tênue, mas me agarrei a ela de maneira notória, pois era a única que tinha.

Depois de engolir um pouco de pão e chá, corri para o andar de cima para me vestir, instigando minha mente a encontrar a melhor maneira de me apresentar. A Srta. Meshle era muito vulgarmente da classe operária para merecer respeito e receber aprovação; entretanto, a pura Srta. Viola Everseau precisava de horas para ser arrumada e eu não tinha paciência para tanto; minhas mãos tremiam enquanto pegava as roupas do meu guarda-roupas. Decidi que vestiria um vestido simples de lã de merino, cor de tijolo. Dentro dele, com meu cabelo cor de lama preso em um coque e um par de óculos de aro de tartaruga sobre minha face ossuda, passaria como um tipo particular de mulher da alta sociedade, o tipo que abraça causas e estudos (ou tenta estudar, quando não está sendo molestada pelos donos de propriedades) no Museu Britânico; uma jovem mulher nada convencional sem interesse em casamento, mas

nem por isso uma mulher de pouco valor — mesmo que nenhuma mulher que queira ser bonita deva ser vista de óculos.

Olhando no espelho, gostei bastante dos óculos, pois seus aros grossos e escuros disfarçavam meu rosto, em especial a extensão do meu alarmante nariz. Adicionei um chapéu negro levemente masculino. Excelente. Havia me transformado em uma solteirona livre-pensadora que ninguém notaria. Só restava o problema do casaco e das luvas — manchadas de tinta, é claro —, e então parti, chamando:

— Florrie, você vai ficar até eu voltar? — Queria ela ali, caso alguém trouxesse notícias.

— É claro, senhorita — ela me avistou, e seu queixo caiu. — Srta. hum... Meshle?

— Não se preocupe, Florrie.

— Você está indo procurar a Sra. Tupper?

— É claro, Florrie. Mas esperamos que ela encontre sozinha o caminho para casa antes que seja tarde.

Gostaria que fosse assim.

As ruas do Distrito Leste estavam barulhentas, como sempre, com sua humanidade sem banho — esfarrapados, meninos de rua esfomeados, uma mendiga com horríveis “queimaduras” supuradas feitas de espuma de sabão e vinagre, vendedores de rua berrando “Pudins e tortas!” ou “Cerveja de gengibre!” ou “Peixe, aqui! Arenque fresco!”, com vozes roucas de tanto gritar. Andando no meio de lavadeiras e outros tipos de ajudantes apressadas em direção do centro da cidade, notei um trabalhador alto e musculoso, seu boné xadrez era um pouco grande demais para ele. Vagando por ali. Ele se atrasaria para seu trabalho daquele jeito.

Uma vez que passei a Bomba de Aldgate, uma montruosidade de seis metros com uma grandiosa lâmpada no topo, já conseguiria chamar um táxi, pois o monumento à luz e à higiene marcava o

começo de uma menos malcheirosa e mais respeitável parte da cidade. Quando o condutor parou, eu disse:

— Escola de Enfermagem Florence Nightingale.

— Certo, senhorita.

Eu me ajeitei no assento aberto do belo táxi presumindo que o homem sabia para onde estava indo, já que eu não fazia a menor ideia; eu apenas ouvira que havia uma escola desse tipo em algum lugar de Londres.

Enquanto trotávamos, escutei meu condutor gritar para outro:

— Ei! Onde fica a escola de enfermeiras?

Era do outro lado da Ponte de Londres, do outro lado do Tâmis, na Lambeth, perto do Hospital St. Thomas. Quando desci do táxi e paguei o condutor, observei, andando pelas passagens de um pequeno jardim formal, silenciosamente, como se estivesse cumprindo uma tarefa, sob uma deliciosa luz do sol de maio, jovens mulheres usando colarinhos brancos engomados, aventais e toucas tão artesanais que até mesmo meu merino parecia lindo perto daquilo. Essas, supus, eram as enfermeiras-alunas.

Como pareciam indispostas a falar comigo ou mesmo olhar para mim, caminhei até a enorme porta dianteira do considerável, porém desagradável, edifício de tijolos. Bati e vi uma pequena placa pedindo “Entre”. E assim o fiz.

Outra pequena placa, com uma mão pintada, apontava a direção e me mostrava onde era a secretaria. Ali, encontrei uma matrona com aparência ressecada, vestida de preto, que me olhou de cima a baixo me avaliando.

Ah, Deus. Ela achou que eu queria me matricular para ser enfermeira. Para minha irritação, eu me encontrei balbuciando de tão nervosa:

— Eu não vim aqui... quer dizer... não sou, hum... estou tentando localizar algum membro da família Nigthtingale. É a respeito de um

assunto pessoal.

A mulher sem expressão piscou várias vezes.

— Algum membro?

— Eu, hum, a senhorita Florence Nightingale...

Eu estava tentando dizer do jeito mais delicado que, certamente, a famosa solteirona e já não estava mais disponível para ser entrevistada, mas não falei mais, pois rapidamente a matrona concordou, puxando um pedaço de papel. Quando terminou de escrever, ela me entregou.

— Trinta e cinco da South Street — li em voz alta, e então ergui os olhos assustada. — A Srta. Nightingale está *viva*?

Tenho certeza de que fiquei com uma expressão ridícula, pois a matrona galhosa sorriu.

— Ah, e muito viva, embora não saia mais.

Ah, Deus, seria insuportável se ela estivesse viva, mas incapaz de falar comigo.

— Ela não está bem? Algum mal da cabeça?

— Senil? Dificilmente — o galho seco riu. — E nem fica doente. É que depois que ela voltou da Crimeia e foi para cama, ela não saiu novamente.

— Ela, ah, hum... está inválida? — má notícia, ou pior, pensei, pois conhecia os inválidos como pessoas perversas, fingindo-se de doentes para escapar de suas obrigações, pessoas mandonas que simplesmente escolheram não serem válidas, por assim dizer.

Dificilmente uma família da classe alta inglesa não sofre, uma vez ou outra, o poder paradoxal de um inválido. Muitas senhoras frustradas já resolveram ficar na cama para conseguirem ver suas ordens atendidas. Na verdade, eu mesma havia feito isso por algumas semanas, depois que minha mãe fugiu, apesar de que em meu caso foi para evitar desagradados em geral e meu irmão Mycroft em particular.

Mas... quase trinta e cinco anos?

A matrona disse:

— Ela prefere que se refiram a ela como uma hipocondríaca. Mas, se ela é inválida, então é a inválida mais ativa de Londres.

E então a mulher fez um gesto de dispensa, como se eu não fosse mais do que uma criança.

— Pode ir, querida. É hora de chamar aqueles que estão em liberdade condicional para seus exames pessoais.

E fui, com minha mente cheia de perturbadores pensamentos sobre a heroica Florence Nightingale, agora reclinada em uma cama. Ali jazia mais uma estátua com pés de barro, considereei. Seria a outrora “Dama da Lamparina” capaz de acender alguma centelha sobre a escuridão que cerca o destino da Sra. Tupper?

Lambeth era um tipo de lugar muito bem organizado, sem muita gente na rua durante o dia. De certa forma, para minha surpresa, notei que um dos passantes era o mesmo operário com o boné maior que a cabeça que havia visto no Distrito Leste mais cedo. Talvez o emprego dele fosse pelas redondezas?

Encontrando um ponto de táxi, entrei em outro belo veículo e disse ao condutor:

— Trinta e cinco, South Street.

Mas, em vez de partir de uma vez, ele perguntou:

— Em *Mayfair*, senhorita?

Minha surpresa não foi muito menor que a dele, mas espero que a tenha ocultado bem:

— É lá que fica a South Street?

— Sim, senhorita.

— Então me leve para lá.

Não me surpreende que ele tenha se certificado de que havia me ouvido direito, pois Mayfair é a vizinhança mais exclusiva de Londres. É de se esperar que uma mulher que se martirizou pelas causas humanitárias viva em... não sei onde, mas não em Mayfair, com os ricos e poderosos. Seria Florence Nightingale rica? Suponho

que sim. Pensando agora sobre ela, devia ter meios consideráveis para conseguir fazer as coisas notáveis que fez. Mas por que, se ela nasceu em uma família rica, do tipo que se apresenta na corte, preferiu ir para um maldito hospital no meio da Crimeia? E por que agora, confinada na cama, ela vive entre cortesãos? E me sacudindo no táxi, eu me entretive com uma curiosidade duvidosa, mas um tanto animada a respeito de Florence Nightingale.

Nenhum tipo de pensamento ou especulação, entretanto, poderia me preparar para o que encontrei no 35 da South Street, logo depois de Park Lane. De fato, a casa era situada de modo a aproveitar a vista do Hyde Park! E que edifício respeitável: uma enorme e linda casa de quatro andares, feita de tijolos, uma área confinada em cercas de ferro fundido, persianas e adornos pintados de um rico e contido verde.

Depois de respirar fundo diversas vezes, subi os degraus de pedra até uma majestosa porta com batentes envidraçados. Toquei a polida aldoba de latão, esperando ser recebida por um mordomo amedrontador que me questionaria, e depois me levaria até uma calma e acarpetada biblioteca ou sala de estar, onde teria que esperar sozinha por um considerável período antes que...

A porta se abriu e um jovem homem, que não tinha nada de mordomo nem de empregado, usando um terno de *tweed* extremamente na moda e calças presas aos joelhos e altas polainas cor de canela, abriu caminho sem mal olhar para mim dizendo:

— Entre.

E, da porta, senti a mistura de aromas de chá, massas e flores, enquanto ouvia o balbuciar de muitas vozes.

— Com licença — eu disse, quebrando o equilíbrio. — Estou interrompendo algo?

— De maneira alguma — ele deu uma curta risada. — É assim todos os dias da semana. Venha, entre.

Sentindo impaciência em sua voz, fiz o que ele disse, entrando em um amplo e bem iluminado corredor que se abria para um salão, uma biblioteca, salas de café da manhã, de jantar e assim por diante, vários cômodos espaçosos, e em cada um deles havia homens sentados trajando roupas da cidade e mulheres em vestido de visita. Estavam conversando, ou tomando chá, ou lendo documentos com atenção, ou escrevendo, ou qualquer outra combinação das coisas já citadas. Com um enorme choque para minha já confusa mente reconheci o outrora Primeiro-Ministro Gladstone entre a multidão.

Comecei a perceber que obter mesmo poucos minutos da total atenção da Srta. Nightingale poderia se tornar uma dificuldade considerável.

Capítulo sexto

Como um navio com as máquinas paradas, flutuei até o carpete de sisal logo depois da porta, pois o jovem que havia me recebido já não estava mais em nenhum lugar que eu pudesse ver, e eu não sabia como proceder. Desnorteada, observei os móveis durante minha passagem: engenhosos, ainda que atrativos assentos que incorporavam compartimentos para chapéus, espelho e porta-guarda-chuvas em sua construção, um alto relógio, armários exibindo recordações provavelmente da Crimeia, provérbios bordados emoldurados e pendurados nas paredes: *A paciência e a persistência prevalecem. Boas intenções não remendam um mau sentido, Sem progresso regredimos*, esse tipo de coisa, todos costurados com muito bom gosto, com bordas de flores.

Enquanto analisava *Sem progresso regredimos*, pensativamente, uma jovem mulher usando luvas de seda, que certamente não era uma empregada, passou por mim com uma jarra de limonada e alguns copos em uma bandeja. Embora, sem dúvida, não houvesse vespas das quais se defender nesta época do ano, a jarra estava envolta com uma delicada capa protetora com margaridas bordadas. Fiquei tão tomada por esse adorável objeto que me assustei quando a jovem parou e me perguntou de maneira cordial e de igual para igual:

— Você está aqui a respeito da reforma do hospital, senhorita?

Apesar da minha pose de mulher, eu me peguei respondendo com a inexperiência da garota de quatorze anos que eu era.

— Hum, não...

— Seria sobre a deplorável condição de nossas casas de trabalho?

Balancei a cabeça.

— Com certeza você não está na Comissão Médica do Exército — alegremente a jovem continuava sua tentativa de me situar. — O Comitê para o Licenciamento de Enfermeiras Treinadas?

Como uma criança estúpida balancei a cabeça, e então consegui dizer:

— Preciso fazer uma pergunta para a Srta. Florence Nightingale.

— Isso pode ser facilmente arranjado. Fale com a Sra. Crowley na recepção da biblioteca — a jovem me disse com um aceno de cabeça e um sorriso.

A Sra. Crowley, um tipo de versão mais velha da jovem dama bem-vestida que havia me direcionado a ela, também sorriu e acenou a cabeça enquanto eu dizia que queria falar com Florence Nightingale. Não perguntou meu nome, sorte minha, pois eu não tinha ideia de qual inventaria naquele dia. Ela também não me pediu um cartão para ser enviado para a inválida, ou uma carta de apresentação. Na verdade, sem questionar minha intrusão de nenhum modo, apenas me apontou um assento ali perto e me entregou uma escrivaninha de colo com uma pena, tinta e uma folha de papel creme da melhor qualidade.

Eu reparei na organização com uma perplexidade tão evidente que a Sra. Crowley me disse gentilmente:

— Escreva o que você deseja perguntar à Srta. Nightingale, e aquele jovem insolente vestindo calças presas nos joelhos a levará até ela e, assim que tiver tempo, ela lhe escreverá uma resposta.

Confusa, gaguejei:

— Mas... mas eu realmente preciso falar pessoalmente com a Srta. Nightingale!

O sorriso da Sra. Crowley se alargou levemente.

— Ah, não, vejo que você não entende que isso é impossível — ela me disse com uma pitada de reprovação na voz. — Ninguém fala *diretamente* com a Srta. Nightingale.

De forma bondosa, a Sra. Crowley apontou na direção de uma entrada do outro lado da sala, onde era possível ver a imponente figura do Sr. Gladstone.

— Se Sua Excelência deseja perguntar algo a ela, ele envia um bilhete. Todos fazem assim.

— Mas... mas se ela é tão inválida, como consegue...

— É impressionante o quanto ela consegue realizar de sua cama, querida. Ela faz as refeições sozinha, e trabalha intensamente. Além dos bilhetes da casa, às vezes escreve mais de cem cartas por dia, sendo prestativa em muitas grandes reformas, embora nunca permita que seu nome seja mencionado na imprensa. Entre os poderes conhecidos, entretanto, dizem que, na verdade, há três e não meramente duas casas do Parlamento, que seriam a Casa dos Lordes, a Casa dos Comuns, e a Casa de Florence Nightingale.

Acredito que disse particularmente sem força:

— Meu bom Deus. Eu não fazia ideia. Mas, apesar disso, realmente preciso ver a Srta. Nightingale em pessoa...

— Isso simplesmente não é possível — a Sra. Crowley começava a soar um pouco mais azeda. — Você me parece ser uma acadêmica; você *sabe* escrever, não é?

— Mas pode ser um caso de vida ou morte!

Sem ficar nem um pouco impressionada, a Sra. Crowley observou:

— A Srta. Nightingale não viu seus pais enquanto estavam vivos nem sua irmã. Com poucas exceções, ela não viu ninguém mais nos últimos trinta anos; então acho improvável que veja você. Mas é claro que você pode pedir.

Com um gesto de finalização, indicou os utensílios para escrita em meu colo.

Para o inferno com tudo, se houvesse alguma hera nas paredes desta casa tão estranha, eu iria lá para fora e tentaria escalar até o quarto onde está reclusa a Srta. Nightingale. Mas como não havia, olhei de cara feia para o papel à minha frente.

Embora eu tivesse certeza de que o esforço não teria utilidade, escrevi:

Cara Srta. Nightingale,

O tempo urge. Serei direta: uma mulher idosa foi sequestrada por bandidos, aparentemente porque ela a conheceu na Crimeia e carregava uma mensagem sua. Seu nome é Sra. Dinah Tupper. Tem alguma ideia de onde ela possa estar, ou de quem a levou?

Uma amiga

Depois de secar a tinta e dobrar a carta, eu a entreguei para a sempre sorridente Sra. Crowley, que a pegou com um aceno de cabeça e ofereceu a hospitalidade da casa com um gesto.

— Aceite um pouco de chá, querida, ou um pouco de limonada, e biscoitos. Você será informada no momento em que receber a resposta.

Essa Srta. Nightingale certamente leva a tirania da invalidez ao extremo. Eu a imaginei como uma mulher profundamente petulante e, embora sentisse muita vontade de sufocar — se não ela, pelo menos alguém — ainda assim, eu conseguia ser meiga o suficiente enquanto assentia ao me levantar e caminhar lentamente para fora.

Enquanto tentava aparentar não ter nenhum objetivo, na verdade, havia ficado entusiasmadamente interessada em alguns detalhes do interior desta casa.

Vagando pelos cômodos do andar térreo, passando por mesas onde inúmeros visitantes comiam sanduíches, fatias de frutas,

massas quentes e coisas do tipo — a Srta. Nightingale sem dúvida distribuía livremente todo tipo de hospitalidade com exceção de sua presença! —, notei os guardanapos, toalhas de mesa e capas de almofadas bordados, inclusive capas de potes de geleia bordadas! Essas eram astuciosamente costuradas com figuras de framboesas, uvas, pêssegos, damascos, morangos, groselhas ou marmelos, para combinar com o sabor das compotas que protegiam.

Certamente, pode-se esperar encontrar abundantes amostras da arte feminina do bordado em qualquer casa da classe alta. Mas nunca vi outras artes como essa que não fossem flores de cera, ou quebra-luzes com babados de seda feitos em casa, ou caixinhas inúteis montadas com conchas do mar, ou objetos de cristal pintados à mão. Será que vi? Passando pela sala de visitas frontal, não encontrei capas protetoras para móveis feitas de crochê, mas sim inúmeros e adoráveis travesseiros bordados. Nas paredes vi paisagens bordadas enquadradas, umas pintadas, outras fotografadas, e algumas antigas silhuetas em papel preto.

Dei minha atenção às impressões fotográficas — vários estudos de cabeça muito bonitos, alguns de perfil como as silhuetas. Também havia alguns retratos de casamento de corpo inteiro, e poucos retratos em poses formais — um velho e uma mulher incrivelmente humildes e uma jovem relaxando na pedra à entrada de uma casa de campo, um velho diferente e uma desagradável mulher tomando chá na mesa de um jardim. Eu estava tentando adivinhar as relações entre eles, quando o jovem “insolente com as calças presas nos joelhos” veio ao meu encontro me oferecendo um bilhete que era, podia-se presumir, minha resposta vinda da inacessível Srta. Nightingale. Um bilhete de um delicado tom violeta em um fino papel violeta perfumado, que contrastava bastante com a carta que enviei para os andares superiores.

Eu o peguei, mas, antes de lê-lo, apontei para os retratos na parede e perguntei ao jovem:

— Você me faria a gentileza de me contar quem são essas pessoas?

— Ah! Temo que não saberia dizer quem é a maioria, mas estes... — ele indicou o velho casal na mesa de jardim — são William Edward Nightingale e Fanny Smith Nightingale, pais da Srta. Florence Nightingale. E esta — mostrou a jovem mulher com cara de sapo na entrada de pedras — é a Srta. Frances Parthenope Nightingale, tirada em Embley, o lar da família. A Srta. Parthe, como em geral é chamada, é a irmã mais velha da Srta. Florence Nightingale.

Vasculhando as fileiras de retratos em busca da mesma aparência de sapo, perguntei:

— Qual dessas seria a Srta. Florence Nightingale?

— Nenhuma. Ela não gosta que tirem seu retrato e o exibam.

Não é para menos, se ela se parece com sua irmã.

E, se ela fosse tão pouco favorecida, não é à toa que tenha se mantido solteirona e tenha ficado amarga.

Um isolamento quase total, em todo caso, inclusive de sua própria família.

Depois que o jovem de *tweed* se retirou novamente, olhei para o bilhete com perfume de violeta. Escrito com uma letra pequena e muito correta, como a de um contador, dizia:

Lamento não poder ajudá-la, pois não conheço ninguém com o sobrenome Tupper, nem nada a respeito desse caso para poder lhe ajudar. Sinto muito.

Sinceramente,

Florence Nightingale

E foi isso.

Exceto, é claro, que não podia ser. Eu não permitiria que fosse.

Mas fui embora de bom grado e quieta o suficiente, pois pensamentos por demais intrigantes ocupavam minha mente.

Alguém naquela casa gostava muito de bordado.

Embora ninguém, que eu soubesse, tenha feito um estudo sobre o assunto, ou escrito uma monografia (como meu irmão Sherlock, por exemplo, que tinha o hábito de escrever sobre cinzas de charuto, criptografias e reações químicas), levava em conta a hipótese de que o bordado, como a caligrafia, poderia variar de indivíduo para indivíduo: delicada ou pesada, alongada ou arredondada, apertada ou solta, regular ou irregular, dependendo de quem desse os pontos.

Os bordados na casa de Florence Nightingale tinham uma certa simplicidade agradável, alegre; e eu já havia visto um tipo de bordado bem parecido antes.

Nas fitas de uma crinolina.

Agora, isso era estranho. Fitas são um tipo caro de decoração e os bordados são trabalhosos.

Ou um ou outro já era considerado o suficiente; combinar os dois era uma extravagância digna de um vestido de casamento.

Por que, então, empregar tanto esforço em uma *crinolina*?

A mais rude e feia de todas as roupas íntimas? Que nunca seria vista, nem mesmo pelo noivo na noite de núpcias?

Contudo, fiquei ansiosa para chegar em casa e dar outra olhada naquele humilde traje.

Capítulo sétimo

Havia abundância de transportes contratados ao longo da Park Lane.

— Táxi! — acenei com uma das mãos enluvadas.

— Táxi! — acenou igualmente um cavalheiro que estava andando atrás de mim. Ele passou por mim a passos largos para pegar a próxima charrete de quatro rodas, que parou atrás da minha.

Olhando casualmente enquanto passava, endureci como se houvesse sido agarrada. O que, de certa forma, havia conhecido. Por reconhecimento. Já havia visto aquele homem duas vezes naquele dia, mas ele não era um cavalheiro. Este camarada alto, de ombros largos, tinha o sotaque de um cavalheiro e o comportamento de um cavalheiro. Por isso que meu olho, se não minha mente consciente, o havia notado entre a multidão do Distrito Leste! Ele não parecia correto, porque um operário comum não andaria por aí sem uma das mãos agarrada à parte de trás de seu cinto, e com a cabeça para trás com se nunca houvesse suportado um fardo. De fato, esse companheiro bem seguro de si pertencia a este lugar, à vizinhança do Hyde Park. Ele havia se livrado do pesado cinto de couro, que ficava por fora de seu casaco, e havia trocado o ridículo boné xadrez por um chapéu-coco, e assim qualquer um que não analisasse suas botas o tomariam por um próspero comerciante vestindo um paletó-saco.

Entrando rapidamente em meu táxi e me colocando à janela, dei minha primeira boa olhada em seu rosto — um rosto extraordinário.

Os traços desse homem, ao mesmo tempo que perfeitamente simétricos, também eram agradavelmente obtusos e não ossudos e acentuados, como a maioria dos aristocratas. Artisticamente falando, seu perfil era um modelo de proporção correta, causando em mim um elusivo reconhecimento dessas coisas sem importâncias. Onde eu o havia visto antes?

Porém, minha principal preocupação no momento era: o que fazer a respeito disso?

Meu táxi mal havia percorrido um quarteirão, quando eu tomei uma decisão. Batendo meu punho no teto, sinalizei para que parasse.

Saindo, disse de maneira suave ao condutor, sem mais explicações:

— Obrigada, meu bom homem. Paguei a ele uma taxa completa. E então voltei andando para onde estava antes. O outro táxi, contratado pelo homem que estava me seguindo, havia parado atrás do meu, o que era natural. Com o canto dos olhos vi Perfil Clássico, que é como comecei a chamá-lo, cuidadosamente se virando para a janela da outra extremidade enquanto eu passava caminhando.

Quando cheguei perto de uma garota vendendo ramalhetes de flores, parei para comprar um, de lírios-do-vale, com dois propósitos: mostrar a razão de minha súbita e aparente mudança de ideia, acalmando qualquer alarme em meu adversário, e também dar uma olhada nos arredores. Eu vi que, enquanto meu condutor havia, é claro, continuado e encontrado outro cliente, o táxi do Perfil Clássico se manteve no lugar, como eu esperava.

Sorrindo e com o ramalhete em frente ao rosto como se eu estivesse aproveitando seu perfume, andei um pouco mais e chamei outro táxi de quatro rodas.

Pagando-o adiantado “para minha própria conveniência”, como eu vagamente expliquei, disse para me levar ao Museu Britânico, e entrei. Mas, no momento em que ele bateu no cavalo com as

rédeas, eu saí novamente pela porta do outro lado, o lado da rua. Mantendo meu táxi, que agora se afastava de mim, entre mim e o observador que eu considerava mais interessado, retrocedi e me escondi atrás de uma carruagem estacionada para observar.

Enquanto meu táxi, agora vazio, continuava rua abaixo, aquele ocupado pelo Perfil Clássico seguiu atrás dele até sair de vista.

Admito que nesse momento me parabenizei por minha própria inteligência.

Apenas por um momento. Até que uma parte mais séria de mim me silenciou: *Enola, já chega. O que você conseguiu? Evidentemente o camarada sabe onde você mora, já que ele a seguiu desde o Distrito Leste nessa manhã.*

Eu havia ganhado um pouco mais de tempo, isso era tudo, e para poder usar esse tempo, eu me apressei para chegar em casa.

— Nem uma palavra sobre ela, Srta. Meshle — Florrie respondeu minha pergunta a respeito da Sra. Tupper. Espremendo as mãos, a rude garota estalava seus protuberantes dedos de forma irritante. Para distraí-la, entreguei-lhe meu ramallete enquanto me livrava do chapéu e das luvas.

E, então, sem nenhum preâmbulo, lhe mostrei o que eu havia preparado: no táxi a caminho de casa, usando papel e lápis que sempre carregava com meus suprimentos essenciais dentro do meu aperfeiçoador de busto, fiz vários desenhos do misterioso cavalheiro que havia me seguido. Eu o havia retratado de boné, sem boné, de frente, de perfil etc. Embora meu talento como artista fosse um tanto quanto cru, tinha a bem exagerada habilidade especial de “capturar” rostos especialmente quando me sentia um pouco mal-humorada.

E era assim que estava. Eu me sentia mal-humorada. Bastante. O que *será* que havia acontecido com minha pobre e surda senhoria?

— É ele! — Florrie gritou imediatamente. — O mais jovem com os dentes bons! Ele está sem barba, mas o chapéu é o mesmo; foi ele quem levou a Sra. Tupper!

— Junto com outro vilão? — Queria ter certeza de que sua história não iria mudar. — Um com dentes estragados.

— Sim!

— E foi o mais velho, mais bruto dos dois, que acertou você?

— Não! Não, senhorita Meshle! — Florrie tinha as mãos fortes de quem passou uma vida trabalhando, mesmo assim seu dedo tremia enquanto apontava para os meus desenhos do rosto suave do jovem que eu chamava de Perfil Clássico.

— Foi ele! Ele também bateu em mim, e na Sra. Tupper!

Haveria ele batido na pobre velha?

Deus meu! Mas olhe para ele, qualquer um pensaria que é um perfeito cavalheiro. Senti um arrepio subindo como uma serpente por minha espinha, enquanto me dava conta: que tipo de pessoa se esconde atrás de um rosto agradável?

Ainda apunhalando meus desenhos com seus grandes dedos, Florrie perguntou:

— Como foi que você conseguiu essa figura, Srta. Meshle?

Não respondi, pois a garota já sabia demais sobre mim, e certamente não contaria a ela que havia desenhado a caricatura.

— Florrie, tranque as portas e não deixe ninguém entrar sem me consultar primeiro — disse por sobre os ombros e corri para o andar de cima, pois tinha negócios urgentes lá.

Alguns minutos depois, com a rígida e áspera crinolina antiga da Sra. Tupper quase me sufocando, me sentei ao lado da janela de meu quarto para que pudesse examinar a irritante peça de vestuário sob a luz.

Hummm.

Todas as minhas emoções se canalizavam para um foco concentrado de intensidade, enquanto eu estudava as fitas azuis

bordadas com flores. Primeiramente, notei que as fitas não estavam costuradas de maneira firme na crinolina, de modo a cobrir suas costuras, mas apenas alinhavados no lugar, como se pudessem ser removidas.

Elas haviam sido presas à crinolina, suponho, para que pudessem ser transportadas em segredo para algum destino? Mas por que haviam sido colocadas em uma coisa tão feia e...

— É claro — sussurrei enquanto a resposta nascia em minha mente. — Uma crinolina não precisa ser *lavada*.

Enquanto as anáguas ou qualquer outra roupa íntima feminina podem ser entregues a empregados e lavadeiras, para talvez serem roubadas ou perdidas, uma crinolina nunca abandona sua dona.

— Que inteligente — murmurei, meu respeito pela inteligência de Florence Nightingale aumentava neste momento.

Para codificar os enfeites das partes que não podem ser mencionadas das roupas de uma mulher... isso *tinha* que ser ideia dela, brotada de uma mente feminina brilhante, que sabia que nenhum homem olharia duas vezes para uma fita bordada. Os dois idiotas que vasculharam a casa haviam deixado passar esta peça completamente. Até mesmo meu irmão Sherlock, acho, não faria melhor. Céus, eu mesma havia olhado por cima.

Com tal admiração verifiquei as criptografias, pois é assim que poderia me referir àquelas flores simples bordadas sobre as fitas.

O gentil leitor talvez irá se lembrar que essas eram trientales e pequenas rosas redondas em uma enorme variedade de cores — rosa, vermelho, amarelo, pêssego, lavanda, branco, violeta e muitas outras —, ocasionalmente intercaladas com folhas verdes. Tentei primeiro ver se conseguia descobrir algum padrão no uso da cor e, para fazer isso, peguei minha tesoura e retirei as fitas da crinolina — haviam sido, como eu dissera antes, meramente alinhavados nela, e era bem simples de remover. A crinolina desnudada joguei para o

canto, onde ficou em pé sobre suas próprias dobras, uma presença branca, quase transparente, como um fantasma da Sra. Tupper.

Dispensando rapidamente esse pensamento infeliz — não se pode perder a esperança! —, peguei a fita e a coloquei em ordem da parte de cima até a de baixo da crinolina, por assim dizer, da mais curta para a maior, deitando-a em cima de minha cama.

Arrumada desse modo, ela me lembrava as linhas de uma impressão digital. Na verdade, pensei, as cores variadas dos bordados poderiam não ter nenhum significado, exceto o de servir para enganar um observador casual que não notaria que as flores por si mesmas não eram tão variadas.

Cinco pétalas de ponto margarida; a mais simples trientale. E alguns pontos altos; as menores e mais simples das rosas.

E folhas.

E, ocasionalmente, espaços de fita azul intocados.

Foram esses espaços que me fizeram decidir. Por que diabos alguém deixaria *espaços* se estivesse decorando uma fita com bordados? A coisa estranha diante de mim simplesmente tinha de ser um código.

Mas como poderiam as letras, palavras e frases serem codificadas com apenas três símbolos: trientales, rosas e folhas e, ocasionalmente, folhas duplas?

Já que minha cabeça dura se rebelava diante da tarefa, à minha, me forcei a pensar no papel, como sempre fazia, transcrevendo a mensagem bordada como símbolos. Compondo a descrição em uma máquina de escrever, como estou fazendo agora, consigo alcançar o mesmo efeito usando um asterisco para designar uma trientales, um ponto para designar uma rosa em miniatura e uma barra para designar uma folha. Expressa dessa maneira, a mensagem se lê:

Muito elucidativo.

(Espero que o gentil leitor reconheça isso como uma tentativa desesperada de humor.)

Fixei meus olhos naquela folha até que minhas pálpebras se fecharam — é preciso lembrar que, naquele momento, estava a vinte e poucas horas sem dormir ou comer o suficiente —, mas minha mente, normalmente ágil, continuava inerte.

Bem, pensei finalmente, a localização das folhas duplas sugere que elas poderiam finalizar o término de uma... o quê? Palavra? Frase? E a folha sozinha?

Talvez outro tipo de divisão. Mas e aquela única estrela e ponto à esquerda (eu havia vagamente começado a rotular as trientales e as rosas), e como qualquer mensagem pode ser transmitida com dois símbolos apenas?

Sem dúvida, devia estar deixando passar algo. As cores do bordado? Os pontos franceses? E se houvesse alguma variação nos pontos no centro das trientales? Com o papel na mão, eu me levantei e me aproximei da cama onde a fita repousava, e me inclinando para olhar os pequenos pontos com uma luz de velas bastante inadequada, pois a noite já havia caído.

Sem uma vontade consciente, caí na cama e adormeci, tudo de uma vez, ainda toda vestida e com os ..*/. etc. ainda nas mãos.

Capítulo oitavo

Suponho que Florrie deva ter entrado no meu quarto antes de ir para casa e, vendo o estado das coisas e sem querer me perturbar, apagou as velas em nome da segurança. Isso explica por que às vezes, durante a noite, eu acordava na total escuridão.

Foi a parte reclamona de mim que me acordou, a minha região do estômago dava pontadas e espasmos de fome como se me proibisse de dormir. Gemendo, tentando me lembrar de quem eu era e o que tinha de fazer, eu me sentei na cama.

E então endureci.

Algo além de mim estava gemendo.

A casa. Ruídos furtivos e assustadores vinham dela. *Crec*.

Alguém estava subindo as escadas.

Perigo!, gritou cada nervo de meu corpo, pois esse degrau nunca reclamara do peso leve da Sra. Tupper. Ouvi outro *crec*, como se outra pessoa pisasse na mesma tábua malvada. Havia dois intrusos; eu podia ouvir seus passos enquanto tateavam subindo as escadas no escuro.

É impressionante como rapidamente a inteligência de uma pessoa, mesmo estando fraca, consegue reagir quando estimulada suficientemente pelo terror. Instantaneamente, o mais silenciosamente possível, recolhi com os dedos todas as fitas e papéis que descansavam ao meu lado sobre a colcha da minha cama. Com essas preciosas evidências na mão, eu me deixei cair suavemente no chão do lado da cama contrário à porta de meu quarto.

Assim que ouvi a maçaneta se movendo, me eu deitei. Ao mesmo tempo em que minha porta se abriu.

De meu esconderijo, podia perceber o brilho espectral da vela de um pequeno candelabro. Concentrei-me em me manter imóvel, tentando sequer respirar enquanto os intrusos olhavam para dentro.

— A cama ainda está arrumada — um deles disse em voz alta, sua voz grossa entregava uma origem londrina. — A inquilina caiu fora, pelo jeito.

— Medo dos sequestradores, algo muito sensato — disse o outro, secamente. Seu sotaque, aristocrático em contraste ao do primeiro interlocutor, e sua voz de tenor parecia combinar com a do homem que eu havia escutado chamar o táxi na Park Lane. — Bem, como ela não está aqui, vamos acender algumas velas, certo?

Eles pegaram duas das minhas, acendendo-as com fósforos, e então saíram do quarto, fechando a porta.

Eu soltei a respiração. E então, rapidamente e o mais silenciosamente possível, eu me levantei do chão, tirei os sapatos e os coloquei na cama. Somente de meias, andei na ponta dos pés até a porta e comecei a ouvir.

Eles estavam no quarto da Sra. Tupper.

— ...seda azul, com uma saia enorme igual à que minha avó usava — o aristocrático dizia com um tom lânguido e levemente humorado, como se estivesse se divertindo em estar explorando o guarda-roupa de uma pobre senhora.

— Deve ser isso.

— Deve ser, certo. Deixe-me abrir a parte de baixo.

Por um considerável período (como convinha, dada a considerável circunferência da bainha da saia), ouvi os ruídos do tecido sendo rasgado com uma faca. Lento e suavemente no começo, mas o volume e a variedade aumentavam, e o homem começou a xingar.

— Nada! — ele rosnou, concluindo.

— Nada — o outro concordou, soando mais divertido que outra coisa. — O Grande Pooh-Bah não vai ficar satisfeito. O pombo-correio disse que estava na saia?

— A velha? Ela não é a pomba certa, não sabe nada, surda como uma batata, não disse nada que fizesse sentido. Só descobrimos que o pássaro lhe deu um vestido.

— Bem, deve haver um papel ou algo escondido nesses babados?

Mais sons de pano rasgado — o pobre vestido, arruinado! A Sra. Tupper certamente estava viva quando contou tudo isso ao “Grande Pooh-Bah”, seja lá quem ele for, e um pensamento iluminou meu coração: mas o que aconteceria com ela?

— Nada — reclamou o brutamontes novamente com uma maldição. — Vossa Nobreza vai dizer que não olhamos direito!

Na hora eu pensei que “Vossa Nobreza” era apenas outro modo com o qual se referiam ao misterioso Sr. X, o líder, que parecia ser um pouco amado por eles.

A voz aristocrática ganhou um tom de tédio.

— Bem, vamos levar o vestido conosco, e ele pode olhar por si mesmo.

— Que bufões iremos parecer, passeando com um vestido por aí! — o outro resmungou.

— Bem, você não se importou em passear com um vestido por aí quando a velha estava dentro dele.

— Foi diferente.

— Em plena luz do dia.

— Bem, quem ia olhar para nós?

— E quem vai olhar para nós agora, além dos bêbados e das moças da noite? — o outro respondeu, enquanto seus passos largos vinham em minha direção, passavam pela minha porta e seguiam escada abaixo.

Eu, seria uma das que veriam vocês, pensei, abrindo um pouco a porta para vê-los contra a luz da rua que entrava pela janela do primeiro andar. Eles passaram como sombras feitas na parede, de perfil, embora um deles não tenha me impressionado, já que reconheci o outro muito bem — Perfil Clássico — e perversamente, naquele momento tenso, minha mente escolheu lembrar onde havia visto aquela silhueta antes. Quase soltei uma exclamação em voz alta, mas o bom-senso interviu bem a tempo de me manter em silêncio.

Porém, eu não possuía bom-senso o suficiente para me manter onde estava, em segurança. — Não quando havia uma chance de, seguindo esses homens, conseguir encontrar a Sra. Tupper.

No momento em que ouvi que saíam da casa, eu me coloquei em movimento. Ouvindo os sons dos meus passos abafados pelas meias, desci a escada e segui para a porta, abrindo uma fresta para espiar. Como o mais jovem dos dois intrusos havia dito, não havia tráfego na rua a esta hora da noite, mas bem na frente da humilde moradia da Sra. Tupper uma carruagem aguardava, e mesmo sob a luz incerta da lâmpada a gás da rua e dos postes, pude ver que *era* uma sege muito bonita, puxada por um elegante cavalo de sela, e as rodas tinham raios amarelos. Eu não vi nenhum brasão, mas isso não significava que não havia um, pois a porta estava nas sombras. E pela mesma razão pude ver pouco dos dois homens que entravam no veículo.

Mas minha missão não era simplesmente espiar. No momento em que se fecharam na sege, corri para fora da casa da Sra. Tupper, confiando, na verdade rezando, que eles não olhassem para trás.

Nos relatos ficcionais de grandes atos de ousadia, como sabem, o herói frequentemente se pendura na parte de trás da carruagem e, enfrentando o frio agonizante, dor e outros rigores do corpo, passa

desapercebido pelos vilões ali dentro. Assim, eventualmente é levado ao lugar onde sua amada é feita prisioneira.

Determinada de que a Sra. Tupper não merecia menos de mim, levantando a saia — saias longas são uma irritação dos diabos quando se precisa entrar em ação —, corri o máximo que podia. A sege se afastava, pois o condutor já incitara o cavalo, mas a amável criatura ainda não havia começado a trotar, quando me joguei na parte de trás da carruagem — as batidas de suas rodas protegidas por metal sobre os sulcos e pedras serviriam, eu esperava, para mascarar meu impacto — e me segurei como se aquela fosse uma enorme árvore que precisava escalar.

E como um dos primatas de Darwin, eu me agarrei.

Mas não havia nada onde me segurar! Meus pés e dedos buscavam em vão qualquer projeção ou espaço, qualquer base ou porta-bagagens onde pudesse me agarrar. Se eu tivesse pensado nisso antes, já saberia que não encontraria nada, pois se os fabricantes de táxis e carruagens colocassem tais recursos na parte traseira deles, cada menino de rua e vagabundo de Londres ganharia transporte gratuito — mas esses pensamentos me ocorreram tarde demais.

Esticada como uma aranha muito grande em uma parede muito lisa, eu me senti sendo expulsa a cada pulo da sege.

De fato, em menos de um quarteirão eu caí, pousando sem nenhuma dignidade sobre minhas partes posteriores. Meu desconsolo, enquanto permanecia sentada no chão imundo da rua e observava a sege se afastar de mim, mal poderia ser descrito.

Ignorando diversas risadas de “bêbados e meninas da noite”, e me sentindo extremamente idiota, eu me levantei e segui para casa.

Passei o resto da noite forçando minha ultrajada pessoa a aceitar um pouco de pão e queijo, tomar um banho, trocar o vestido por uma roupa marrom igualmente austera e acadêmica e, finalmente, quando o sol nascia iria me sentar e lutar novamente contra o

quebra-cabeça apresentado a mim pela crinolina misteriosa. Mas foi em vão; os pontos e as flores não faziam sentido para mim.

Eu tinha, entretanto, uma pequena pista que restava ser seguida.

No horário mais cedo possível para uma visita, eu me encontrava na soleira da porta de Florence Nightingale, em Mayfair. Dessa vez, foi a garota com luvas de seda que me deixou entrar sem se opor; aparentemente qualquer pessoa pode simplesmente chegar e entrar. Mesmo às nove da manhã, vi e ouvi enquanto entrava que a sala de desenho, a sala de jantar, a biblioteca, e assim por diante, já estavam ocupadas por muitos visitantes que partilhavam o chá e os biscoitos. Vi inclusive “aquele jovem insolente” subindo as escadas correndo com o bilhete de alguém.

Que família estranha.

Mas eu não precisava ficar muito, esperava. Imediatamente me dirigi até a sala de estar da frente — vazia durante o café da manhã —, onde as paredes estavam cobertas de retratos, alguns pintados, outros fotografados ou recortados com uma precisão admirável do papel preto, sendo estes parte da venerável arte da silhueta.

Encontrei a silhueta que havia reconhecido e olhei novamente para ela. A maioria dessas criações feitas de papel, assim como as pessoas da alta classe que elas representam, tendem a ser um pouco grotescas — somente nariz ou queixo, ou os dois — mas essa apresentava traços perfeitamente proporcionais e extremamente agradáveis. E com qual frequência alguém *realmente* vê tais simetrias clássicas? Sim, se era possível identificar uma pessoa simplesmente por seu perfil, eu estava prestes a conseguir isso.

Pequena, como a maioria das silhuetas, a obra estava pendurada além do meu alcance. Reunindo minha determinação ao pensar na pobre Sra. Tupper, seja lá onde ela pudesse estar, corajosamente me dirigi até a sala de jantar, peguei uma cadeira e

saí de lá com ela. E, como eu esperava, nesta casa estranha ninguém pareceu se perguntar o que eu estava fazendo.

Posicionando a cadeira e depois ficando em pé sobre ela, levantei a silhueta e a retirei de seu gancho. Voltando ao chão e me sentando na cadeira que me serviu de apoio, virei meu achado de costas.

Sim. Sim, era o que eu esperava. No papel pardo da parte de trás da moldura, alguém havia escrito a lápis o nome do modelo.

Lia-se: *O honorável Sidney Whimbrel, em Embley, verão de 1853.*

Mil oitocentos e cinquenta e três?

Trinta e seis anos atrás?

Esse não podia ser meu vilão aristocrático, afinal. Que decepção.

Onde *estaria* o Perfil Clássico hoje? Eu não vira ele me seguindo. É claro, se ele simplesmente estava pensando como a inquilina enxerida da Sra. Tupper, e concluindo que eu havia ido morar em outro lugar, ele não estaria mais interessado em mim.

Seja lá qual tenha sido seu interesse original.

E seja lá quem ele fosse.

E lá se foram minhas ideias de identificar uma pessoa por meio de uma silhueta.

Suspirando, eu me levantei para colocá-la de volta em seu lugar na parede, mas, nesse exato momento, um grupo de pessoas conversando entrou na sala e perdi minha coragem, colocando a silhueta dentro de uma velha bolsa de couro que havia trazido, do tipo em que uma estudante guardaria papéis. Eu, entretanto — como a capacidade de meu corpete tinha limites —, estava usando a bolsa para carregar coisas que não achava inteligente deixar para trás, na casa da Sra. Tupper. Algumas fitas, por exemplo.

Saindo da sala de estar, deparei-me com a biblioteca, onde a sorridente embora irredutível Sra. Crowley se apoiava atrás de sua mesa.

Não faria mal, percebi, tentar novamente falar com Florence Nightingale, pedir para me atender. Na verdade, não via outra atitude a ser tomada. E já me sentia derrotada, pois não haveria eloquência suficiente em mim que fizesse ser possível conseguir uma entrevista com a Dama da Lamparina, e, assim, senti uma relutância de chumbo quando entrei na biblioteca para falar com a Sra. Crowley, escrever um bilhete, mandá-lo para o andar superior...

Que tudo se exploda e vá para o inferno! Especialmente Florence Nightingale! Que mulher mimada, perversa, rabugenta e mandona ela devia ser! Sua enfadonha maneira de se comunicar por meio de bilhetes era uma perda de tempo passível de castigo. Se a mulher tinha os meios que parecia possuir, e se insistia em ser uma inválida tão teimosa com quem não se pode falar, mantendo seu dedo enfiado em tantas tortas recheadas de reformas políticas, porque então não arranjou um jeito de ter seus bilhetes levados para cima por pequenos barbantes, ou então usar tubos pneumáticos como aqueles utilizados nos empórios. Ou, melhor ainda — o absurdo desse pensamento me causou algum divertimento sombrio —, ela deveria ter um sistema telegráfico instalado. Se Florence Nightingale insistia em relaxar em sua cama e mandar mensagens para o andar de baixo como se houvesse uma longa distância, porque ela não dava tapinhas naquela máquina de teletipos, dit dit dah dah dit...

Uma surpreendente revelação de natureza apropriadamente elétrica fluiu pelo meu corpo, me deixando paralisada.

— Meu santo e bom Deus! — eu gritei em voz alta. — Código Morse!

Capítulo nono

Compreensivelmente, diversas cabeças se viraram na minha direção. Fazendo o possível para ignorá-las, com uma pressa fervorosa, compatível com o calor em meu rosto, segui em direção à parede oposta da biblioteca, onde avistei sobre as prateleiras os inconfundíveis volumes da suntuosa *Enciclopédia Britânica*. Pegando o volume *M*, sentei-me à mesa mais próxima — as pessoas já haviam lentamente desviado suas atenções de mim, dando-me bastante espaço. Com as mãos tremendo, encontrei a página:

“O Código Morse Internacional usa sons curtos e longos, que são transcritos como pontos e traços”.

Sim! E instintivamente, pensei nas miniaturas de rosas como pontos. As margaridas — flores bem rudimentares de cinco pétalas; trientales — tinham quer ser os traços. Tirando o / . * / . . . * / . V etc. da minha bolsa e tomando como referência o gráfico da enciclopédia, comecei a decodificar. Isso não era um processo simples, já que tinha de procurar no alfabeto inteiro cada uma das letras.

Quatro pontos — H. Uma folha para dividi-lo da próxima letra. Ponto e traço — A. Duas folhas?

Fim da palavra!

HA. *Há!*

E bem mais tarde havia decodificado as primeiras cinco palavras: HÁ PROVAS WREFORD VENDE SUPRIMENTOS. Mas restava a maior parte da mensagem diante de mim, e enfrentava uma

decisão: sentar ali, perdendo horas fazendo isso, enquanto só Deus sabe o que podia estar acontecendo com a Sra. Tupper, ou falar de uma vez com Florence Nightingale? E agora pensava em como conseguir essa façanha aparentemente impossível.

Decidindo pela última opção, devolvi meus papéis e lápis à bolsa e me aproximei da formidável Sra. Crowley em sua mesa. Desta vez, quando pedi para falar com Florence Nightingale e ela me entregou a escrivaninha portátil com seus papéis creme e a tinta azul-escura, sorri e aceitei sem me opor.

Não seria educado dizer que escrevi sobre o papel; particularmente, rabisquei ou tracei. Em outras palavras, simplesmente desenhei:



Tirando o excesso de tinta e dobrando a missiva sem assinatura, eu a entreguei, e, quando o jovem com as calças coladas nos joelhos a pegou, eu me sentei na beira da escada.

Em menos de um minuto, Insolente (como o havia chamado) desceu correndo novamente com um olhar bem assustado em seu rosto para me dizer:

— A Srta. Florence Nightingale disse que quer vê-la agora. Siga-me, por favor.

Todas as minhas suposições a respeito da notável Florence Nightingale se provaram erradas, como ficou aparente para mim em poucos minutos. Na parte mais alta da casa, em um espaçoso quarto inundado de luz que passava pelas cortinas abertas, ela me esperava: uma beleza rude, doce, sorridente e antiquada sentada em uma cama enorme, rica e ordenadamente arrumada com travesseiros com fitas nas bordas e um edredom de seda. Seu cabelo, separado ao meio e alisado para trás de maneira simples, como devia usar em sua juventude, ainda não havia se tornado

grisalho! Seu rosto adorável, simétrico, mal exibía uma marca do tempo! De todos os modos, ela parecia tão radiante quanto seu quarto ensolarado, de onde não se ouvia nada das pessoas dois andares abaixo, mas sim apenas os pássaros cantando no jardim dos fundos, que se podia avistar através das janelas abertas, como se apreciassem o sereno Éden no meio da cidade de Londres.

E foi assim, serenamente, que a Srta. Nightingale me recebeu.

— Por favor, sinta-se à vontade — ela indicou uma poltrona colocada na extremidade da cama, agradavelmente situada perto das janelas. Com um interesse explícito, ela me estudou enquanto eu dava a volta na almofada para os pés e me sentava.

— Eu estava esperando alguém muito mais velho — ela observou. — Devido a isso.

E segurou no alto o papel no qual eu havia escrito, no Código Morse floral, S.O.S.

— Como você sabe sobre minhas rosas e trientales? Mas primeiro, por favor, qual é seu nome?

Impressionante o modo como ela exalava cortesia sem se poupar da honestidade e perder tempo. Suas maneiras me permitiram que eu respondesse sinceramente:

— Qualquer nome que diga a você, Srta. Nightingale, seria inventado, e, neste momento, tenho pouca energia para fingimento.

Ela assentiu como se essa fosse uma resposta suficientemente comum. No alto contornando sua testa, como se para mostrar o resplendor e a simetria impecáveis de seu cabelo, usava um tipo estranho de lenço branco amarrado embaixo do seu queixo, esbanjando uma cascata de rendas que vinham da coroa de sua cabeça até o colarinho de sua blusa de veludo. Esse chapéu singular assentiu junto com ela.

— Posso ver que você está muito confusa — disse suavemente; eu estava aprendendo que ela era famosa por nunca elevar sua voz,

nem uma vez durante sua vida ou seus anos na Crimeia. — Parece que seu problema de alguma forma diz respeito a mim?

— Pode ser — eu disse, e sem mais cerimônias, do modo mais conciso possível, detalhei as circunstâncias do sequestro da Sra. Tupper, começando com “POMBO-CORREIO, ENTREGUE A MENSAGEM QUE ESSE SEU CÉREBRO DE PASSARINHO GUARDOU DE UMA VEZ, OU VOCÊ SE ARREPENDERÁ DE TER SOBREVIVIDO A SCUTARI” — a mensagem com a letra rudemente escrita à mão que havia desaparecido junto com minha infeliz senhoria, mas eu sabia as palavras de cor. Tanto quanto sabia as palavras que, de acordo com Florrie, os intrusos barbudos gritaram para a Sra. Tupper: “*Sabemos que você era espiã do Pássaro!*”.

— De fato, “o pássaro” é como meus opositores me chamavam — respondeu a Srta. Nightingale. — E eles me representavam como uma Mulher-Pássaro em suas caricaturas políticas.

Ela disse sem pensar, de costas para mim, pois, durante minha explicação, havia se virado para procurar algo — devo explicar que a cabeceira de sua cama era, na verdade, um enorme gaveteiro, sem dúvida feito sob medida e organizado cheio de todos os tipos de papéis; em cima de uma mesa forrada com tecido verde ao seu lado havia mais pilhas de papéis em volta de uma lâmpada elétrica... uma lâmpada elétrica! Esta era de fato uma casa de surpresas, mas suponho que, compelida a reformas, como ela era, havia se responsabilizado pelos gastos para que pudesse escrever durante a noite. Eu havia notado que suas mãos, que pareciam muito mais velhas do que seu rosto, haviam se dobrado em semicírculo devido à sua escrita constante.

Encontrando o que queria, ela virou novamente para mim e mostrou: *Mulher idosa é sequestrada por bandido* etc., meu bilhete do dia anterior.

— Sim — confirmei. — Eu escrevi isso.

— E eu respondi sinceramente, querida. Simplesmente não me lembro da Sra. Tupper.

Enfiando a mão em minha bolsa, tirei a foto de casamento da Sra. Tupper, que eu carregava comigo por causa de um pressentimento de que poderia se provar bastante útil.

A Srta. Nightingale olhou para a foto, e sua gentil boca formou um O de reconhecimento.

— Você se lembra dela agora?

— Sim, querida, me lembro. Eu havia me esquecido, porque não era uma das minhas entregadoras regulares. Confiei nela apenas uma vez, em uma emergência, mas a mensagem nunca foi entregue, e nunca descobri o porquê, ou o que aconteceu com ela.

— Então você *era* uma espiã — sussurrei, bastante impressionada.

— Os comandantes oficiais do exército — respondeu docemente — lutavam contra mim, uma mulher civil, com muito mais paixão do que devotavam aos inimigos russos. E eu revidei.

— Mas achei que você e suas enfermeiras estivessem lá para ajudar!

Ela sorriu um pouco triste.

— E estávamos, mas os médicos e oficiais viam minha presença como uma interferência e uma ameaça para suas festinhas, piqueniques, jogos de polo, corridas de cavalos, o fim dos bons tempos. O que de fato era. Eu tinha uma ideia maluca de que os oficiais deveriam passar seus dias cuidando do bem-estar de seus homens, e os médicos deveriam cuidar dos doentes.

— Quer dizer... eles não faziam isso?

— Os médicos... cirurgiões... primavam em decepar os membros dos feridos, mas nunca entravam na ala dos febris, tal era o medo de contrair a doença. Sem supervisão, os atendentes faziam quase nada, às vezes nem preparavam a comida. Então ali, totalmente sozinhos, só com a companhia uns dos outros, os

sofredores jaziam em suas próprias imundices, os cobertores cheios de piolhos... — a Srta. Nightingale interrompeu-se abruptamente, seu olhar se fixou em mim como se estivesse voltando de um passado trágico a um presente bastante alarmante.

— Diga-me, minha amiga sem nome: o que aconteceu com a mensagem que tentei enviar para Lorde Whimbrel?

Eu ecoei:

— Lorde Whimbrel?

— Sim, Sidney Whimbrel, um verdadeiro estadista e meu maior aliado.

Que interessante. Eu havia acabado de olhar para a silhueta dele.

A Srta. Nightingale continuou:

— Nenhuma reforma seria feita sem ele; ele tinha a atenção da rainha. Há muito faleceu, mas seu bom nome permanece e deve ser protegido... Você sabe onde está essa mensagem perdida?

— Se for a que estava alinhavada à crinolina da Sra. Tupper, está comigo.

Pela primeira vez ela se esqueceu de manter a postura ereta: Florence Nightingale afundou em seus travesseiros me estudando. Da sala de música no andar de baixo surgiram as agradáveis notas de um piano; alguém tocava Mozart.

— Você é esperta — disse a Srta. Nightingale de um modo que a declaração não me enaltecia nem censurava. — Muito bem. Você tem a minha mensagem que se desviou. Eu a quero muito de volta para evitar qualquer escândalo.

— Escândalo?

— As reformas para as quais devotei minha vida finalmente foram aceitas e estão a caminho, com as antigas animosidades esquecidas; seria desastroso se alguém as trouxesse de volta do passado. O que a induziria...

— Eu não me importo com a política. Eu simplesmente quero saber quem sequestrou a Sra. Tupper!

— Mas não tenho ideia de quem pode ter sido. E quero muito descobrir, talvez tanto quanto você, pois se ela contar a eles sobre a mensagem...

— A Sra. Tupper — interrompi, erguendo a voz por conta da frustração, em perceptível contraste com os tons sempre iguais de minha anfitriã — é extremamente surda, de tal modo que será muito difícil que entenda o que eles querem. Ela já era surda quando você confiou a ela suas rosas e margaridas fadadas ao fracasso.

— Ah, Deus — o rosto da Sra. Nightingale mostrou, rapidamente, emoção. — Como fui tola em não perceber. Mas lhe dei um cartão com o endereço...

— Ela consegue ler letras impressas com dificuldade, mas não escritas à mão.

— Ah, Deus piedoso. Mas eu presumi... no que estava pensando?

Suavizando minha aspereza, reconheci:

— Imagino que tinha muitos assuntos pressionando sua mente. Em todo caso, como a Sra. Tupper não entendeu uma palavra do que você disse a ela, pode-se presumir que ela não sabia para que era o cartão e não percebeu que carregava uma mensagem. Os patifes estão neste momento desmontando o vestido azul que você deu a ela, procurando por algum papel. Agora, me diga, por favor, quem são eles?

Florence Nightingale novamente disse:

— Eu não sei.

— Mas pode tentar adivinhar.

— Como o jovem Lorde Whimbrel acabou de entrar para a Casa dos Lordes, diria que seus inimigos estão tentando obter esse artefato para que possam sujar o nome de sua família. Mas, igualmente, pode ser qualquer um dos amigos ou descendentes dos

oficiais mencionados na mensagem. De fato, seria muito difícil nomear qualquer pessoa envolvida que *não* gostaria de encontrar essa mensagem, incluindo eu — essa admissão foi tão desarmada que me convenceu de sua inocência. — Sinceramente não sei. Mas vou descobrir — disse com um tom trivial de uma mulher que faz o que quer com sua vida. — Já dei alguns passos a respeito deste caso.

— Como assim?

— Quando recebi seu bilhete ontem, ele me preocupou. Mesmo não conseguindo encontrar a Sra. Tupper em minha memória, isso me deixou extremamente preocupada. Então, pensei em pedir consultoria a um detetive particular muito conhecido, e enviei a ele uma mensagem nesta manhã. Ele deve chegar a qualquer momento.

Foi como se mãos invisíveis me agarrassem pela garganta, tentando me estrangular. Senti que a Srta. Nightingale observava minha reação intrigada, mas de modo astuto.

— Quem? — consegui dizer, engasgando.

— Você também deveria me dizer seu nome, querida, pois eventualmente eu o descobrirei. O cavalheiro irá me obrigar, tenho certeza. Irei contratar o Sr. Sherlock Holmes.

Capítulo décimo

Meu irmão! Pode entrar a qualquer momento! E se ele me encontrar aqui...

O gentil leitor se lembrará de que estava sofrendo muita pressão, sem comer ou dormir o suficiente — mas, na verdade, não havia desculpas. Eu deveria ter lidado com esse problema usando a lógica, raciocinando sobre ele. E não o fiz.

Fico corada em admitir que, simplesmente, entrei em pânico. Com um uivo me coloquei de pé, sem nenhum plano racional de ação, apenas um fervor cego de fugir daquele lugar. Sem uma palavra de explicação ou adeus, eu me desviei da cama da Srta. Nightingale, correndo em direção à porta...

Mas, com muita agilidade, a Srta. Nightingale atirou para os lados as cobertas e pulou para o outro lado da cama, seus pés rechonchudos sob a borda de rendas de sua camisola junto ao chão, como se fosse um corredor prestes a largar. Com alguns poucos passos rápidos alcançou a porta antes de mim, e encostou-se nela.

Esse evento notável — uma inválida bloqueando minha passagem — me surpreendeu tanto, que o assombro venceu minha corrida sem sentido e me fez parar no meio do quarto.

— Do que você tem tanto medo? — Florence Nightingale perguntou.

Ao mesmo tempo eu retorqui:

— O que você faz numa cama se pode andar?

— Céus, a impertinência dessa nova geração! — mas sua voz doce e baixa não variou nem um pouco. — Volte para sua poltrona, querida, e me esforçarei em explicar.

Sentindo-me um tanto confusa, fiz o que ela pediu.

— Quando voltei para casa depois de dois anos de tamanho esforço na Crimeia — notei que minha anfitriã se jogou novamente em seu lugar de costume, embaixo das cobertas —, entrei em colapso e pensei que iria morrer.

Uma expectativa sensata o suficiente, já que ela havia passado dos trinta, na época.

— Mas, enquanto as semanas se tornavam meses, na verdade, anos, eu não só percebi que estava viva, como também imersa mais uma vez em reformas que tinham de ser feitas urgentemente, e havia tanto trabalho importante a fazer...

Como eu também era uma rebelde, entendi na hora.

— Você não queria perder tempo com amenidades sociais.

É esperado que mulheres da classe social dela frequentemente reuniões e jantares, recebam convidados em sua casa, visitem teatro, e assim por diante, *ad infinitum*, passando a maior parte das suas vidas servindo, como uma fruteira, como inúteis objetos decorativos.

— Exatamente! — Ela olhou para mim de um jeito novo; o reconhecimento surgiu entre nós. — Agora que lhe contei meu segredo, você deve me contar o seu. Por que você esconde seu nome, e por que tem tanto medo do Sr. Sherlock Holmes?

Eu sinceramente desejava poder contar a verdade: Sherlock Holmes era o irmão que eu adorava, não havia ninguém com quem eu mais gostaria de estar em companhia; o famoso detetive... descontando minha mãe ausente, Sherlock e Mycroft eram tudo que eu podia chamar de família. Porém, suas ignorâncias masculinas fizeram com que achassem que deviam tomar conta de mim e me aprisionar em uma escola preparatória, ou algum outro tipo de

tortura feminina. Portanto, não ousa, não posso, não *devo* deixá-los me encontrar.

Isso é o que eu desejava contar à sábia e gentil Florence Nightingale, mas sabia que não podia. Eu apenas disse:

— Tenho medo de que ele possa descobrir algo sobre mim. — O que era bem verdade.

Enquanto dizia isso, minha mente desesperadamente tentou encontrar alguma mentira plausível. Mas logo nessa crise, entre todas as outras, minha imaginação resolveu me abandonar; eu não conseguia pensar no que dizer.

Espantosamente, a Srta. Nightingale me forneceu a história de que precisava. De uma maneira muito delicada disse:

— Parece-me que seu grau de preocupação com a Sra. Tupper, seja talvez um pouco incomum. Seria ela realmente apenas sua senhoria?

Ah, bom Deus. Ela achou que eu era uma filha ilegítima, protegendo meu (presumidamente) pai aristocrata da mácula de um flerte com...

A Sra. Tupper. Que absurdo. Pobrezinha, surda, que guarda cada centavo, a Sra. Tupper, minha mãe?

Ainda que não fosse tão absurdo, sinceramente, minha doce e velha senhoria *era* mais uma mãe para mim do que a minha mãe verdadeira...

Minha mãe, de quem não tenho notícias desde o incidente com os buquês bizarros, meses atrás. Quem não ousa procurar a não ser que realmente descubra e entenda seus sentimentos reais, ou a falta deles, por mim... Não foi sequer necessário que mentisse, pois a supressão tão prolongada desse ferimento atacou meu coração com uma dor naquele momento, e a dor foi tão forte que saltou de meus olhos. As lágrimas que desciam por meu rosto serviram de resposta.

Obviamente, como a pessoa prática que era, a Srta. Nightingale reagiu pegando um lenço na gaveta do criado-mudo, onde aparentemente mantém um suprimento de lencinhos com bordas de rendas muito bem passados, e me entregou.

— Querida — disse quando eu já havia me recomposto um pouco. — O Sr. Sherlock Holmes tem a reputação de ser muito discreto.

Mas balançando a cabeça, eu me levantei mais uma vez, dessa vez me lembrando de pegar a bolsa de couro que havia trazido comigo:

— Tenho certeza de que a senhora me dará licença.

E bondosamente ela deu.

Ainda com a mente cheia, segui direto para as escadas. Um erro grave. Eu deveria ter, em vez disso, procurado a estreita escada dos fundos que os empregados usavam, descido até as partes reclusas da casa e saído pela cozinha e pelo jardim. Mas minha sensatez havia me desertado. Como uma idiota, corri direto pelo mesmo caminho pelo qual havia subido, passando pela sala de música e pela sala de pintura até a larga escadaria principal, que comecei a descer precipitadamente...

— Mas a Srta. Nightingale está ocupada. Além do mais, ela nunca recebe mais do que uma pessoa por vez — alguém lá embaixo estava dizendo.

— Ela deve fazer uma exceção neste caso — respondeu uma voz eletrizante e familiar.

Quase caindo com o choque e na pressa de parar, eu me agarrei no corrimão e me apoiei nele, sentindo-me um pouco fraca.

— Watson é meu braço direito nesses casos.

Sherlock! E o bom Dr. Watson, é claro. Os dois estavam na base da escadaria com o Insolente tentando dizer a eles que apenas Holmes seria admitido.

E ali, no meio da escada, a não mais que seis metros deles, eu estava parada bem à vista e de um jeito bastante estranho: de boca aberta como um peixe morto.

O Dr. Watson, graças as minhas estrelas da sorte, não me viu, pois se ele houvesse olhado para mim e me reconhecido como a “secretária” do Dr. Ragostin, seria o fim daquela vida para mim. Ele estava parado olhando fixamente na direção de um dos salões, como se estivesse hipnotizado, talvez pela presença do Sr. Gladstone.

Mas o olhar de falcão de Sherlock se voltou para mim.

— Enola! — ele gritou, com a mais intensa excitação e imobilidade de expressão.

Como eu não podia deixar de olhar para ele e também não podia ficar, subi os degraus de costas, tropeçando, recuando.

Meu irmão Sherlock não se mexeu.

— Enola — ele chamou. — Pare. Espere. Confie em mim. Por favor.

Mas eu realmente só ouvi essas palavras mais tarde, como um eco em minha mente bagunçada enquanto saía correndo, fugindo como um cervo. Atravessando novamente a sala de desenho e a sala de música, eu me adiantava, e agora apressada e em pânico cego, pensei na escadaria de serviço, mas não conseguia encontrá-la! Passando pelo grande piano, pela mesa de suporte, através dos corredores, virando depois de virar novamente, eu abria porta atrás de porta e descobria apenas antequartos. E podia ouvir os enérgicos passos de Sherlock atrás de mim, e sua voz:

— Enola! Maldita garota, onde ela pode ter ido?

Sem dúvida, ele havia passado a força pelo Insolente e corrido para o andar superior atrás de mim e, sem dúvida, Watson havia feito o mesmo, dois contra um. Pensando nisso acelerei ainda mais. Comecei a ouvir portas batendo como se seguissem meu curso.

— Enola!

Nesse ponto, como se acabasse a falta de sorte, tropecei em uma pequena escadaria sinuosa, mas ela só seguia para cima. Então, que seja para cima, e me encontrei novamente na frente da porta de Florence Nightingale.

Eu a abri, e me lancei para dentro de seu quarto e fechei a porta atrás de mim.

Coberta pelo seu edredom, a Srta. Nightingale perguntou doce e calmamente:

— Por Deus. O que está acontecendo?

Sem responder, mas vendo que a chave continuava no buraco da fechadura, tranquei a porta. Então, atravessei correndo o quarto, desviei da enorme cama da Srta. Nightingale e fui até as janelas que proviam uma adorável visão da copa das árvores do jardim dos fundos, ao mesmo tempo soltava meu cinto e o passava pela alça da minha bolsa. Abençoada seja a força do meu medo que me obrigou a deixar de tremer e gaguejar, passando para um estado de extraordinária destreza e energia. Rapidamente, apertei novamente o cinto prendendo minha preciosa bagagem à minha cintura, enquanto analisava as possibilidades de fuga. Depois de uma olhada ligeira, escolhi uma janela e a abri inteiramente.

— Enola! — gritou a voz de meu irmão do outro lado da porta, enquanto ele tentava girar a maçaneta.

A Srta. Nightingale poderia, é claro, ter respondido ou se levantado da cama, andado até a porta, virado a chave e deixado ele entrar. Mas ela não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, se manteve onde estava, observando, suponho, enquanto eu subia no parapeito da janela, me inclinava para fora e me lançava como um macaco para o galho mais próximo.

Meus dedos encontraram a madeira; minhas mãos seguraram com força. Eu estava pendurada três andares acima do chão, e a descida poderia parecer difícil, mas devido às dificuldades que me moviam até ali não havia tempo para contemplação. Como um

verdadeiro orangotango eu me balancei, me joguei, agarrei outro galho, me lancei novamente e me movi para baixo chegando ao chão. Ali, me afastei rapidamente através da horta, sob uma plantação de parreiras, por trás de um toalete e seguindo por um emaranhado de tílias, até chegar à cerca de ferro da Srta. Nightingale. Enquanto eu saltava sobre ela, dei uma rápida olhada na Srta. Nightingale, seu estranho chapéu era inconfundível, que estava na janela da qual eu havia saído. Embora mal pudesse ver sua expressão daquela distância, ela parecia me observar com um sereno interesse. Eu não vi sinal do Dr. Watson ou de meu irmão.

Uma vez que eu já estava bem longe — no metrô, passando por um túnel que parecia uma passagem para o inferno, de tão escuro e cheio de fumaça —, finalmente tinha tempo e presença de espírito para pensar.

Pelas sombras da perdição, Enola, e agora?

Naquele momento, miseravelmente supus que meu querido Sherlock estava conversando com a querida Srta. Nightingale e somando dois mais dois. Ele diria à Srta. Nightingale que eu era sua irmã desaparecida. A Srta. Nightingale contaria a ele que a desaparecida Sra. Tupper era minha senhoria. Céus. Com um sentimento indefeso e profundo que atravessava todo o meu interior, eu me dei conta de que não poderia voltar para a casa da Sra. Tupper, porque certamente Sherlock, como parte de sua investigação, iria descobrir onde ela vivia.

Portanto, eu não tinha mais onde morar.

Nenhum lugar para ir, pois se fosse seguida — não saberia realmente dizer onde Sherlock estava, ou de forma mais desprezível, o homem que conheço por Perfil Clássico — certamente não podia arriscar levar nenhum deles até o escritório do Dr. Ragostin.

Assim, eu não tinha onde me refugiar.

E não tinha um plano.

Pouquíssimas vezes havia me sentido tão desgraçada.

Vamos, Enola, isso não vai dar.

A voz dentro de minha cabeça era de minha mãe, embora fosse a minha.

Mesmo que eu nunca mais tenha visto minha mãe, ela vivia dentro de mim.

Você corre o risco de perder sua liberdade, mas a Sra. Tupper corre o risco de perder a vida. Depois de você encontrar sua infeliz senhoria, deve se preocupar com você mesma.

Respirando fundo o ar acre do metrô, fechei os olhos para a escuridão exterior.

Agora, pense.

Muito bem.

Quem havia sequestrado a Sra. Tupper?

Alguma das “pessoas envolvidas”, Florence Nightingale havia dito, pode desejar ter a mensagem em lugar seguro para evitar um escândalo.

Quais “pessoas envolvidas”?

E quais acontecimentos a envolveram nisso?

A Sra. Tupper vivera mais de trinta anos em paz com sua crinolina guardada em seu guarda-roupa. Por que, agora, de repente, todo esse tumulto e confusão?

Eu não tinha ideia.

Entretanto, graças à bolsa de couro que eu há muito já tinha liberado de meu cinto, ainda estava com a mensagem.

E deveria terminar de decodificá-la.

Capítulo décimo primeiro

Eu precisava de uma cópia do Código Morse.

Onde poderia encontrar uma? No Museu Britânico? Fui. Ninho de velhos nojentos. Eu precisava de um porto seguro, um santuário. Eu também precisava muito — já que eu não havia me servido de nenhum dos bolinhos da Srta. Nightingale — de algo para comer.

Finalmente, minha mente continuou a funcionar apropriadamente, pois um pensamento tão bem-vindo me ocorreu que, na verdade, até sorri. Saindo do metrô na estação correta, procurei uma esquina escondida e me arrumei um pouco, e então saí novamente para as ruas de Londres, que olhavam atentamente para mim. Não havia sinal de nenhum vilão de rosto agradável que pudesse estar me seguindo, ou de nenhum outro perigo.

Seguindo na direção de uma avenida principal, fiz sinal para um táxi.

— High Street — disse ao condutor, pois não desejava cantar para o mundo todo ouvir qual era o meu destino correto.

Um pouco depois, com um suspiro de alívio, entrei no primeiro Clube das Mulheres Profissionais de Londres e talvez do mundo. Não havia estado ali antes, mas conhecia o lugar por sua reputação. Assim como os clubes dos homens não admitiam mulheres, esta pequena fortaleza não admitia homens. Mas, enquanto os clubes dos homens exigem que os novos membros sejam patrocinados pelos antigos, o Clube das Mulheres Profissionais democraticamente recebe qualquer mulher que possa pagar a taxa

de inscrição, substancial o suficiente para manter longe as classes indesejadas.

Depois de preencher um cheque e receber meu cartão de associação, entrei, dei uma olhada ao redor para as confortáveis instalações deste santuário, cumprimentei com um aceno de cabeça algumas outras sócias (as mais jovens, notei, tão bem-vestidas quanto eu), pedi chá e sanduíches e me ajeitei na biblioteca com o volume M da enciclopédia.

Algumas horas, mais chá e outra bandeja de sanduíches depois, isto:

..../.**././**/.../.**\.. * * / . * . / . / . * . / * * * / . * . / * .
.\...*/./*/.*./.**./..*/.**./.*./../**/./.*./.../***/**.**/./.*./.*./.*./***/*.*/***/
*/**./.../.*/.*./.../.*/***/**./.*./.*\..*/.*./***/.*./.*./.***.*./.*./..*/.*./***/.
.../.*/.*./.*/**.**././**\.*./...*/.*./.*\....*/.*./.*\..*\.*/**.*./.*./.****/..*./.
/.*.*./..*/.*./...*\..*/.*./.*./**./..*/.*./**.***/..***./..*/.*./**.*./.*./.*.
./../.*./***\./.*./**.*./..*/.*./.../***\..../*****/.*./**.**.*./***/.*./**./.*./.*
/***\.**/****/*./.*./.***./..*\..*/***/**./**./..*/.*./.*./..*/.*./***\..*/**./.**
/..*/.*\..*/.*./.*./.*./.*./.*\...*/.***./.***/.***/.*./.*./.*/*./.*/***/.*./..
./.\..*/.*\.

transformou-se no que se segue:

HÁ PROVAS WREFORD VENDE
SUPRIMENTOS MERCADO CONSTANTINOPLA RECORRA
CRUIKSHANKS
SEM AVAL HALL RAGLAN OFICIAIS
INSENSÍVEIS OU PIOR ESTÃO LUCRANDO
ENQUANTO HOMENS CONGELAM E MORREM DE FOME
SUPLICO USE SUA INFLUÊNCIA VR
DESESPERADAMENTE FN

F.N. é claro que significava Florence Nightingale, e *V.R.* era Victoria Regina, ou seja, Rainha Victoria, mas Wreford?

Cruikshanks? Hall? Raglan?

“Conflito da Crimeia”, no volume C da *Britânica*, me informei que Cruikshanks era um general daquela guerra, Hall era o chefe dos médicos, Wreford, um notavelmente ineficiente fornecedor do exército e Raglan foi o encantador mas completamente incompetente comandante de toda essa bagunça, como exemplificado pela Carga da Brigada Ligeira, centenas de cavaleiros enviados para a morte à galope, devido a um erro em suas ordens.

Olhando para meus suspeitos individualmente, descobri que, assim como Lorde Sidney Whimbrel, estavam mortos, ou fora do meu alcance de localizar ou questionar.

O que, portanto, devo fazer agora?

Eu não tinha ideia, pois presença de espírito é algo difícil de se manter. Nunca é como a gente quer e, embora soubesse que era improvável ele me rastrear até ali, eu continuava imaginando Sherlock Holmes esperando para me agarrar no momento em que eu colocasse o pé para fora da porta. Esses pensamentos eram tão perturbadores que não consegui me manter sentada e quieta, e fui perambular pelo Clube das Mulheres Profissionais. Observei a agradável mobília da sala de leitura, da sala de jogos, da sala de chá e da sala de visitas se perderam diante de mim enquanto me afligia, imaginando as mais grotescas cenas envolvendo meu irmão Sherlock, Srta. Nightingale, Mycroft, Dr. Watson, Scotland Yard, magistrados de perucas brancas e repulsivas matronas de escolas preparatórias, *ad infinitum*.

Enola, isso não vai dar. Eu precisava pensar na Sra. Tupper.

De modo a me obrigar a fazer isso, dei-me conta de que precisava fazer uma lista.

Então, tomando o assento mais próximo — em um sofá com estofamento de chita, daqueles cujo encosto é mais alto no centro, muito chique, pois estava em uma encantadora salinha de desenho,

onde algumas mulheres haviam se reunido para conversar —, com papel e lápis na mão, comecei a escrever:

Onde está a Sra. Tupper?

Quem é o Perfil Clássico?

De quem era a sege que a levou embora?

Com qual propósito? Para falar com quem?

Etc.

Eu parti daí, como certamente o gentil leitor pode perceber, e comecei de modo bem idiota, em parte porque estava com a mente muito perturbada e também por causa da distração das agradáveis e inteligentes vozes conversando ao meu redor. Por exemplo, uma mulher alta, usando um vestido confortável, solto e “simpático”, com seu cabelo grisalho caído por sobre suas costas, estava dizendo:

— ...pobre e querido Rodney, um cavalheiro tão agradável e de maneiras tão simpáticas, a quem infelizmente falta determinação, já seu irmão mais novo...

— É de se imaginar — completou uma mulher diferente com uma risada. — Como a teoria da evolução seria responsável por todo o poder que foi dado ao irmão mais velho, e por toda a potência para o mais jovem.

— Isso não é evolução minha cara. Essas são nossas ridículas leis da primogenitura.

— É uma vergonha — disse outra das idosas. — Pois Rodney fará quase tudo que Geoffrey disser, e a personalidade forte de Geoffrey não é sempre o *melhor* do seu caráter, ou foi o que ouvi dizer.

Por que eu estava ouvindo fofocas de pessoas que sequer conhecia, quando precisava tanto pensar? Em primeiro lugar, porque não consigo tapar os ouvidos. Eu sei que deveria me mudar para outra sala, mas não o fiz.

Uma confortável voz de matrona estava dizendo:

— Sim, sua querida mãe ficará muito consternada. Mas, até então, os bons caracteres daquela família geralmente estão do lado feminino.

— Bem, isso geralmente não acontece em qualquer família civilizada?

Houve uma onda de risadas, durante a qual a mulher de cabelo grisalho e vestido simpático disse:

— Falando de boas famílias e caracteres, alguém ficou sabendo alguma coisa sobre a senhora Eudoria Holmes?

Minha mãe! Ao ouvir seu nome falado em voz alta, de um modo tão improvável e tão inesperado, senti uma dor forte em meu coração, e, por um momento, não conseguia respirar, o mundo girou, eu poderia desmaiar... besteira, eu nunca desmaio; não devo perder uma palavra. Fazendo um grande esforço para controlar meu pulso e minha respiração acelerados, eu fiquei rígida, ouvindo a conversa intencionalmente, apesar de não ousar olhar para as interlocutoras.

— ... não há notícias dela desde que desapareceu. Não se sabe sequer se ela ainda está viva.

— Ah, tenho certeza de que ela está viva e bem — falou uma terceira e bem-humorada voz. — Ela tem a cabeça muito boa para simplesmente se deitar e esperar morrer. Imagino que ela se mandou, como os jovens diriam.

Um murmúrio de entendimento soou ao redor.

— Assim espero — disse a mulher simpática. — Espero que ela finalmente tenha uma chance de viver sua vida em seus próprios termos.

Essas mulheres haviam sido amigas de minha mãe. Amigas de minha *mãe*! De que modo peculiar aquele simples pensamento, e a proximidade delas, agiu em meus sentidos. Cada fibra do meu ser doeu com saudade; como eu desejava estar confiante como elas de que minha mãe estivesse viva, e bem, aproveitando a vida.

— Talvez ela tenha cruzado o oceano — disse a bem-humorada.
— Ela sempre teve vontade de viajar.

Eu nunca soube disso!

— Se for assim, espero que ela esteja longe dos Bálcãs.

— Problemas ali, como sempre?

— Lá e aqui. Ouvi dizer que alguém está se esforçando para trazer à tona algum tipo de escândalo da Guerra da Crimeia.

— De novo? Mas por que alguém iria desejar dragar essa poça de sujeiras agora?

— É, por quê?

— Certamente não faço ideia.

— Talvez tudo isso seja sobre o Wreford novamente? Alguém que não aceita que aquele caso sórdido tenha sido dos mais prejudiciais...

— ...os espíritos progressivos de hoje...

Enquanto elas falavam de política e reformas, eu, finalmente, fui capaz de ligar a audição para suas conversas, dispensei meus pensamentos e sentimentos a respeito de minha mãe (já estava ficando acostumada a fazer isso), e escrevi:

Qual virada de acontecimentos deu início a esse terrível caso?

Quem quer que a Sra. Tupper entregue sua mensagem, e por quê?

Quem tiraria proveito dela? Os inimigos da reforma?

Para desacreditar Florence Nightingale?

Quem sabia que a Sra. Tupper, de todas as pessoas, tinha a mensagem para “O Pássaro”?

Isso rapidamente me deixou atenta, o lápis pairando no ar enquanto olhava fixamente para o nada, pois, como veem, eu havia feito a pergunta certa: quem sabia da existência da crinolina secreta? Dado que nenhum dos “entregadores” regulares do “Pássaro” estava envolvido, e a Sra. Tupper evidentemente não se deu conta do significado de sua peça fina...

Quem *sabia*? Certamente não foi Wreford, Cruikshanks, Hall ou Raglan. Ou seus herdeiros.

Quando uma mensagem é enviada em código secreto, quem deve ter conhecimento sobre ela? O remetente. E o entregador — normalmente. E a pessoa a quem a mensagem foi enviada talvez saiba que ele deve estar pronto para recebê-la.

Florence Nightingale sabia.

Escrevi:

Srta. Nightingale não se lembrava da Sra. Tupper por nome.

A Srta. Nightingale contratou Sherlock Holmes para encontrar a Sra. Tupper.

Impressão pessoal: a Srta. Nightingale não estava mentindo para mim.

Suposição racional: a Srta. Nightingale não é culpada.

Muito bem. Se a Srta. Nightingale não havia sequestrado minha senhoria — e, obviamente, a Sra. Tupper não havia tramado sua própria abdução —, só restava Lorde Sidney Whimbrel.

— Mas ele é aliado da Srta. Nightingale... ou era, porque agora está *morto*! — objetei a mim mesma em voz alta, embora sussurrando.

E, então, tentei brincar:

— A não ser que seu fantasma...

Não era brincadeira. Eu havia visto e havia sido seguida por ele, um homem suficientemente idêntico ao falecido Sidney Whimbrel — pelo menos a silhueta — para ser seu fantasma. Mas, como fantasmas não existem no mundo racional de uma vidente científica, então aquele homem... aquele que havia roubado o vestido azul durante a noite, e quem, de acordo com Florrie, havia levado a Sra. Tupper, devia ser da família de Lorde Sidney Whimbrel, e mais provavelmente seu...

Filho?

Besteira, argumentei comigo mesma. Os Whimbrel estão entre as mais honradas e respeitadas famílias britânicas. A ideia de que

qualquer descendente da família Whimbrel possa se associar a um bandido comum para maltratar e sequestrar minha surda e idosa senhoria era ilógica.

Mas quem mais poderia ser?

E Florence Nightingale não havia dito algo sobre proteger o nome da família Whimbrel? E algo sobre o jovem Whimbrel ter sido recentemente admitido na Casa dos Lordes?

E, além disso, o doentio par de canalhas que invadiu a casa da Sra. Tupper não havia dito algo sarcástico sobre “Vossa Nobreza”?

— Ah, minha santa! — sussurrei, dando-me conta de que embora tudo isso fosse ilógico, mesmo assim, mesmo assim tinha de ser.

— *Foi isso que deu início a esta confusão!*

Alguns minutos mais tarde, na biblioteca do Clube das Mulheres Profissionais, estava totalmente pensativa enquanto recolocava o *Boyles* na estante e guardava, no bolso, o endereço que havia copiado daquele útil livro de referência sobre os membros da nobreza.

Meus pensamentos eram confusos, surpresos e assustados. Sendo esse o caso, eu também fiquei contemplando, com sombria diversão, os filósofos do século XVIII, Alexandre Pope e seus iguais, que insistiam que “tudo é para o melhor neste que é o melhor dos mundos possíveis”. Em outras palavras, se o bebê morre, deve-se dizer a si mesmo que as coisas seriam muito piores se ele tivesse sobrevivido; se centenas de órfãos estão morrendo de fome em casas miseráveis, certamente isso tem um propósito maior, e — no meu caso — se estava sendo caçada, fugindo, impossibilitada de voltar para casa, de dormir em minha própria cama, bem, então não era maravilhoso ter outro lugar para onde ir esta noite?

Eu havia descoberto, entre outras revelações muito interessantes, o endereço da casa da cidade dos Whimbrel, onde eu

esperava encontrar a Sra. Tupper.

Capítulo décimo segundo

Whimbrel Hall se erguia, imponente, branca; uma mansão de quatro torres, em Mayfair, a apenas um quarteirão de distância da casa de Florence Nightingale. Ao cair da noite, ainda carregando minha velha sacola de couro e ainda usando com o mesmo vestido escuro que havia colocado apressadamente naquela manhã, parada do outro lado da rua repleta de árvores sob a sombra de um amigável carvalho e estudando Whimbrel Hall, eu me perguntava se esse endereço podia ser aquele, escrito em um cartão, que Florence Nightingale havia entregado para a Sra. Tupper em meio aos horrores de Scutari, há tanto tempo.

A mansão em estilo italiano, com suas múltiplas pedras angulares e cantoneiras, parecia tentadoramente simples de se escalar. Mas escalar, eu não podia esquecer, não é a resposta para tudo. Mesmo se eu pudesse escalar a cerca, escapar do inevitável cão de guarda, chegar perto da mansão, encontrar a entrada, evitar ser detectada ou capturada, e obter sucesso em localizar a Sra. Tupper, o que faria depois? Eu não podia esperar que ela fugisse escalando a janela de uma das torres e descendo a parede junto comigo.

Hummm.

Em geral, consigo cumprir seja lá o que eu quiser ou agir furtivamente ou por meio de subornos. Mas, neste caso — como a pessoa já tinha dinheiro suficiente sem qualquer ajuda minha —, nada disso funcionaria, e eu precisava criar coragem para tentar algo que jamais havia feito antes.

Eu havia descoberto, como sabem, pelo *Boyles*, que Lorde Sidney Whimbrel havia criado dois filhos. O mais velho dos dois, e o novo Lorde Whimbrel, se chamava Rodney, e o mais jovem era Geoffrey.

Agora, *agora*, a conversa que tive a chance de escutar no Clube das Mulheres Profissionais passou a ter a mais extrema importância em minha mente. Rodney? Geoffrey? Sem dúvida não era uma coincidência, em especial porque o primeiro havia recentemente ganhado uma cadeira na Casa dos Lordes, dando razão para que fofocassem sobre ele.

Como Rodney, de acordo com as senhoras, era o irmão de bom coração, decidi que a melhor ação seria apelar diretamente a ele pela libertação da Sra. Tupper. Se o mais jovem, e menos escrupuloso, Geoffrey, já não a tivesse assassinado! Embora eu odiasse pensar que qualquer filho do respeitável Lorde Sidney Whimbrel pudesse ser capaz de tal infâmia, uma vez que ele a havia sequestrado e tentado extrair informações dela, então...

Maldita lógica. Ela fazia meu coração doer. E se eu tivesse sido completamente enganada? E se eu batesse na porta de Whimbrel Hall e me fizesse de completa idiota, ou — ou nunca mais saísse da lá?

Enola, você deve estar bem segura de si mesma, ou deve nunca vai conseguir resolver isso. Agora comece novamente. Um passo de cada vez.

E fiz isso, na minha mente, e percebi que não era a única que estava vagabundeando pela rua. Ali também estava, investigando a sarjeta como se esperasse encontrar algo de valor, uma gentil e pobre alma de barbas brancas, que não era bem um mendigo, pois sua roupa esfarrapada era a de um cavalheiro; cadavérico mas carregando uma bengala; alto mas muito curvado por conta da idade; seus bigodes estavam sem aparar e escondiam grande parte de seu rosto, enquanto uma cartola cortada lançava uma sombra

sobre o resto. Podia-se dizer que aquela cartola estava imunda por causa do suor e havia sido relegada a algum brechó, pois a parte de cima havia sido removida e a parte manchada, cortada, e um topo mais curto havia sido pregado à aba. O chapéu do barba branca era uma prova de que havia sofrido esse processo pelo menos três vezes.

Uma vez, em uma fria noite de inverno, ao lado de uma fogueira feita em uma tina de roupa de lavar para aquecer os sem-teto, eu havia visto o mesmo chapéu. Na verdade, havia visto a mesma barba branca, somente as roupas eram diferentes. Eu reconheci essa interessante pessoa e, enquanto ele se aproximava, meu coração começou a bater da maneira mais irracional. Fiquei imóvel sob a sombra do carvalho, aterrorizada pela ideia de que ele me visse.

Por sorte, ele passou direto por mim do lado oposto da rua, sem virar sua cabeça na minha direção. Uma vez que me senti razoavelmente segura de que não havia me visto, soltei a respiração.

Céus. O que falta acontecer?

Sem tirar meu olhar dele, observei enquanto virava a esquina, seguindo seu caminho ao longo da cerca de ferro que rodeava Whimbrel Hall.

Mesmo depois que saiu da minha visão, não me movi da sombra do carvalho. Eu esperei para ver se podia continuar com meu plano, e, enquanto isso, revisava-o raciocinando:

Lord Rodney Whimbrel havia assumido sua cadeira na Casa dos Lorde.

Ele se preocupava (ou talvez fosse induzido por Geoffrey a se preocupar) que uma mensagem de muito tempo atrás e que seu pai nunca recebeu pudesse vir à tona para envergonhá-lo.

Geoffrey planejava cuidar da carreira de Rodney da maneira que lhe fosse melhor, talvez para enriquecer, talvez pelo simples prazer de exercer esse poder.

Entretanto, Geoffrey, sem dúvida um homem que anda em más companhias e tem uma gosto pelas atividades ilícitas, se responsabilizou (junto com um dos seus amigos nada respeitáveis) por recuperar a mensagem perdida.

Falhando em encontrar a mensagem, Geoffrey e o amigo sequestraram a Sra. Tupper. Lorde Rodney Whimbrel, um “cavalheiro tão agradável e de maneiras tão simpáticas”, provavelmente deve estar chateado pelo rumo que as coisas tomaram, mas “como lhe falta determinação” não fez nada a respeito.

Talvez eu, Enola Holmes, ao confrontá-lo, seja capaz de...

Quase como se fosse uma deixa, o gentil e empobrecido barba branca reapareceu no ponto mais extremo da cerca de ferro de Whimbrel Hall.

Sim. Como eu havia pensado.

Esperei imóvel.

O velho vagabundo havia completado o circuito pelos terrenos de Whimbrel e, em seguida, voltou mancando para a frente da propriedade, cobrindo a mesma área de terreno mais uma vez. Aparentemente, como havia suspeitado, ele intencionava ficar na vizinha por um tempo.

Eu tinha uma boa razão para me sentir temerosa. Muito temerosa, na verdade, do que estava prestes a fazer. E, ao mesmo tempo, enquanto ele se aproximava, um calor lastimável encheu meu coração e me fez sorrir.

E me endireitando como um soldado e mantendo minha cabeça erguida, dei um passo à frente. Atravessei a rua com passos largos na direção do barba branca, balançando minha bolsa e me certificando de que ele me visse, apesar de não olhar para ele. Seguindo para a calçada de Whimbrel Hall, ousadamente subi seus

degraus de mármore, cruzei o limite demarcado pelos postes de iluminação e bati na enorme porta de mogno.

O mordomo, abrindo o portal, reparou em minha personagem solitária, solteirona e usando um vestido de merino com menos gosto do que ele concederia a um inseto rastejando. Ele não disse nada.

Com tom de decisão declarei:

— Estou aqui para ver Lorde Whimbrel — e acrescentei antes que eu pudesse ser mandada embora: — E tenho certeza de que ele deseja me receber.

As sobrancelhas do mordomo se arquearam de um modo perigosamente alto, mas minha postura ereta e meu sotaque rápido e aristocrático, de algum modo, reverteu sua primeira impressão a meu respeito. Como um aparte, deixe-me declarar que, enquanto um talentoso imitador como meu irmão Sherlock — ou, ousar dizer, eu mesma — pode fingir um sotaque das classes baixas com facilidade, o oposto, isto é, uma pessoa da classe baixa falar com um sotaque de classe alta, é bastante impossível, e, que eu saiba, isso nunca foi feito.

Então, por conta da qualidade de meu “H”, o mordomo se condescendeu em falar.

— Seu cartão, senhorita?

— Não trouxe cartão e não uso nenhum nome. Essa frase previamente ensaiada saiu com um belo tom dramático.

— Se me permitir escrever e enviar um curto bilhete ao Lorde Whimbrel, ele irá me receber.

O drama era parte do meu plano: mantenho a opinião de que mordomos, embora não demonstrem, possuem humanidade e curiosidade. O homem teria de imaginar o que havia comigo e, portanto, dando um passo para o lado, fez um sinal para que entrasse em Whimbrel Hall.

Era muito grande a entrada com piso de mármore onde havia acabado de pisar, e muito fria, com tanto papel de parede, como se ali, com todas aquelas cabeças de alce e espadas de samurais, sarcófagos egípcios, móvel para guarda-chuvas de patas de elefante, odaliscas, cupidos em baixo-relevo e todos os tipos de coisas curiosas, fosse um museu. Não havia cadeiras, e o mordomo não me ofereceu um lugar para sentar na biblioteca, ele me deixou em pé com todas essas estátuas enquanto saía para pegar materiais de escrita.

Aproveitei a oportunidade para examinar a correspondência que aguardava ser retirada numa bandeja de metal perto da porta da frente... e, sim! Entre as cartas vi algo escrito com uma tinta preta violenta, com um estilo de grafia forte, como se fosse perfurar o papel.

Difícilmente estaria enganada sobre o remetente: *o honorável G. Whimbrel*. Geoffrey.

Reprimindo um arrepio, esperava não precisar me encontrar com ele.

Outras cartas, de *Lorde R. Whimbrel*, demonstravam uma letra bastante banal. Rodney parecia ter... bem, não se pode dizer com certeza, em especial sendo um lorde e um nobre; ele devia ter uma secretária para escrever suas correspondências.

Ao ouvir o mordomo retornando, transferi meu olhar para uma prateleira que exibia xícaras feitas de ovos de avestruz.

Aproximando-se sem dizer uma palavra, o empregado me entregou uma prancheta com papel de boa qualidade, pena, tinta e sua própria vela, já acesa, para iluminar enquanto eu escrevia. Mas fechei a cara para esses enfeites.

— Traga-me cera de lacre — disse de modo imperioso e, espero, com um ar de mistério.

— De qual cor, minha senhora? — percebi certo ressentimento e ofensa em sua voz; ressentimento porque ele sabia que eu estava

me afirmando sobre ele, pois simples cera para lacre bastava para selar a carta. E também porque selar o impediria de ler antes de entregar ao seu mestre. E ofensa porque a cor era simbólica, ele me desafiava e demonstrar minhas intenções.

Mas, ao mesmo tempo, notei que havia sido promovida de “senhorita” para “minha senhora”.

— Bem, vermelho, é claro — respondi. — Vermelho, em vez de carmesim.

E liberei-o para fazer o que quer que fosse.

Enquanto ele saiu para buscar a cera, peguei o lápis e me concentrei em fazer minha letra larga e forte, e escrevi:

Estou com a mensagem do Pássaro.

Eu a troco pela Sra. T.

Sem mais cerimônias. Se eu for embora
irei direto à polícia.

Deixando-a sem assinatura, sequei a tinta e a dobrei de modo a esconder seu conteúdo antes que o mordomo, ao voltar, tivesse a chance de espiar por sobre meu ombro. Aceitando de suas mãos o bastão de cera vermelha e a derretendo na chama da vela, pinguei uma pequena poça cor de sangue sobre a dobra do bilhete, onde a cera endureceu. Desejando ter um anel de assinatura ou algo similarmente dramático com a qual apertá-la para deixá-la plana, fiz isso com o punho. Quando me certifiquei de que a cera já havia endurecido bem, entreguei a carta ao mordomo.

E ele foi entregá-la ao seu mestre, deixando-me parada sob o olhar de madeira de várias máscaras de guerra africanas.

Por um bom tempo. Comecei a me preocupar se havia calculado errado. Deveria ter formulado uma mensagem em rosas e trientales; teria isso dado uma impressão mais forte? Mas não, ela não teria sido compreendida, pois se Lorde Rodney sabia alguma coisa do

código, ele, ou seu irmão, Geoffrey, teria reconhecido o bordado na crinolina.

Gostaria muito de saber um pouco mais sobre Lorde Rodney; seria dele aquela letra fraca? Talvez porque ele parecia bastante dependente de Geoffrey.

Oh, Deus. E se ele estivesse se consultando com aquele vilão neste momento?

Ai de mim e, na verdade, esse se provou ser o caso. Quando o mordomo retornou e silenciosamente acenou para que o seguisse, acompanhou-me para uma sala de bilhar, sombria e cheia de fumaça — um lugar onde nenhuma dama de respeito colocaria os pés —, e ali, do outro lado do lugar repleto de mesas recobertas de feltro verde, eu me encontrei encarando os dois jovens Whimbrel de uma só vez.

Capítulo décimo terceiro

Calmamente e de charutos nas mãos, eles me receberam se apoiando em seus tacos de bilhar, com uma atitude tão insultante que comecei a temer que Lorde Rodney provasse ser tão vil quanto seu irmão mais novo. Seus rostos ovais, simétricos, democraticamente contundentes e com traços agradáveis eram tão parecidos que qualquer um podia tomá-los por gêmeos. Não encontrei dificuldade, entretanto, em dizer qual era qual simplesmente pela expressão em seus olhos: o olhar de Lorde Rodney era aberto e ansioso, enquanto o de seu irmão Geoffrey era contraído como o de uma cobra.

Não falei nada por longo momento. Para dizer a verdade, não *pude* falar. No terror daquele encontro, todas as palavras que havia preparado se tornaram covardes e fugiram da minha mente, como soldados fugindo de um campo de batalha.

Mas consegui (acho e espero que sim) manter minha coluna rígida e minha cabeça erguida e, de frente para eles, tentava me impor mais do que parecer estática; eu esperava que meu silêncio se parecesse como escárnio.

Eu esperava também que aparentasse ser consideravelmente mais velha do que meus quatorze anos. Em geral, esse efeito ocorre por conta da minha altura, das roupas íntimas que me davam mais volume e deixavam minhas formais mais nítidas.

Lorde Rodney, como notei, abaixou seu taco e seu charuto imediatamente. E começou a falar de modo nervoso.

— Então, você é a pessoa sem nome que enviou tal bilhete misterioso, do qual não entendemos nada? Eu lhe asseguro que é um mal-entendido absurdo, minha senhora.

— Senhora? Essa aí não é senhora nenhuma — Geoffrey corrigiu seu irmão com um olhar bem disfarçado de indiferença. — Essa é a inquilina.

— Ah! — gritei.

Abençoado seja o comportamento insensível e as maneiras deploráveis de Geoffrey; ele me enfureceu e instantaneamente encontrei minha voz.

— E você diz que não sabe nada deste caso? Como ousa brincar comigo? — Embora tenha sido Geoffrey quem havia estimulado minha ira, foi diretamente para Lorde Rodney que falei, como se seu irmão mais jovem não existisse; melhor para *provocá-lo*. — Sequestro é um assunto sério. A polícia e a imprensa podem ser silenciadas com dinheiro, é claro, mas Florence Nightingale não pode. Como você acha que ela reagiria se soubesse o que você fez? A quem você acha que mandaria suas cem primeiras cartas? E ela *irá* saber se não agir rapidamente para corrigir a situação. Ela contratou o famoso detetive, o Sr. Sherlock Holmes...

— Besteira da grossa — interrompeu Geoffrey. — Como é que essa garota pode saber qualquer coisa sobre...

Eu me virei para ele.

— Florence Nightingale me recebeu em seu quarto, como você saberia se houvesse me seguido até lá pela *segunda* vez que a visitei. E se não estivesse tão ocupado sequestrando uma indefesa e respeitável senhora idosa...

— Eu não sou responsável por isso! — Lorde Rodney gritou, em um tom que seria mais apropriado se viesse da Sra. Tupper. — Eu nunca esperava...

— Cale a boca! — Geoffrey latiu para ele.

Mas, ao mesmo tempo, lancei sobre Lorde Rodney um olhar muito mais bondoso, tranquilizando-o.

— Eu acredito fortemente que você nunca esperou que este assunto fosse tão longe, ou eu não estaria aqui falando com...

— Conversa mole! — o sangue quente do Geoffrey explodiu. — Ele me pediu para conseguir aquela mensagem de qualquer jeito. Então, fiz o que precisava ser feito. E agora ele não me deixará se livrar da velha. Ele acha que podemos simplesmente soltá-la, e você também, acredito. Bem, pelo menos *um* dos filhos de nosso pai tem coragem.

Com esse discurso grosseiro e direto, sem dar sequer um aviso, como uma cobra enrolada poderia ter feito, ele se lançou para me agarrar.

E, se não fosse pelas mesas de bilhar que estavam entre nós, teria conseguido. Mas ele tinha que dar a volta nos obstáculos, dando o tempo suficiente para eu sacar minha adaga e ameaçá-lo com sua lâmina de oito polegadas.

Ele parou.

— Você não colocará as mãos em mim... — disse calmamente entre os dentes, enquanto ele congelava me encarando — ...por duas razões. Esta é uma.

Eu inclinei a adaga para que a luz a gás se refletisse de um modo mais belo em sua lâmina.

— A outra é que meu irmão me viu entrar nesta casa, e ele está esperando perto do portão para me ver sair novamente.

Por minha inconstante sorte, para bem ou para mal, isso era verdade; Sherlock Holmes tinha vindo até aqui, presumivelmente seguindo o mesmo raciocínio que o meu, embora tenha chegado a essa conclusão um pouco mais rápido. O vagabundo de barba branca na rua era o grande detetive disfarçado.

E percebi, apesar de meu assombro, que eu *realmente* confiava a meu irmão mais velho a minha vida, embora não minha liberdade.

— Se eu não aparecer dentro de um tempo razoável ele irá entrar em ação, eu lhes asseguro, e vocês encontrarão o mais formidável adversário.

O silêncio se seguiu, e ali ficamos como uma natureza-morta: eu com as costas para a parede e minha adaga erguida, Geoffrey parado a meros dois passos de mim com o mal exposto em seus olhos, e Lorde Rodney do outro lado da mesa de bilhar — é claro que não me arriscaria a olhar para ele, mas imaginava que ele estaria apertando as mãos.

Tudo dependia de Lorde Rodney.

E, com esse pensamento, a essência do curso que eu havia previsto voltou para mim, e eu o enderecei a ele de uma forma necessariamente abreviada.

— Lorde Rodney — disse de igual para igual. — É seu o título de Lorde Whimbrel; é sua a cadeira na Casa dos Lordes; é sua a autoridade.

Com minha mão esquerda alcancei o bolso no centro do tecido da frente de meu vestido, onde obtive de pronto o que precisava. Eu puxei para fora e, sentindo o barbante pendurado na parte de trás, me certifiquei de que ele estava voltado para o lado certo, pois não poderia desviar o olhar do vil Geoffrey, nem mesmo por um instante. Levantei o objeto virado na direção de Lorde Rodney, confrontando-o com um pequeno retrato em silhueta.

O honorável Sidney Whimbrel, em Embley, verão de 1853.

Seu pai.

— Lorde Rodney Whimbrel — eu me dirigi àquele indivíduo à margem da situação. — Eu lhe mostro a imagem de um grande estadista. Seu lugar merece ser ocupado por um descendente digno. Por quanto tempo mais...

Geoffrey gritou com ele:

— Seu idiota, não fique aí parado! Acerte-a com seu taco!

— Por quanto tempo mais você vai permitir que os impulsos lamentáveis de seu irmão envergonhem o nome de seu pai?

Ele não respondia a nenhum de nós, mas pelo canto dos olhos vi que ele se movia, esticando o braço para pegar algo.

Endurecendo, coloquei a silhueta sobre uma das mesas de bilhar, caso eu precisasse das duas mãos para me defender, mas ele não estava pegando um taco. Em vez disso, havia segurado a corda do sino, chamando um dos empregados — provavelmente o mordomo.

Outro homem alto, forte e nada impressionante.

Oh, Deus.

A porta da sala de bilhar se abriu, e, de fato, vislumbrei uma figura alta de terno preto se aproximando em linha reta, mas não ousei tirar os olhos de Geoffrey, nem mesmo para uma piscada para ver se o mordomo conseguira se manter sem expressão.

E como os movimentos pareciam longos, como o silêncio se esticava enquanto me mantinha no lugar, esperei para ver o que Lorde Rodney faria...

Tenho certeza de que o mordomo se perguntava a mesma coisa, embora sua voz, nem um pouco menos inflexível do que antes, perguntou:

— Tocou a campainha, meu senhor?

Ele se dirigiu a Lorde Rodney, é claro, mas Geoffrey irrompeu:

— Pelo amor de Deus, Billings, traga o laçao e uma corda para que possamos domar essa vaga...

— Silêncio! Eu dou as ordens — a voz de Lorde Rodney hesitou, porém, eram suas as palavras que tinham importância.

— Billings, por gentileza acompanhe o honorável Geoffrey até seus aposentos e faça com que ele permaneça lá.

— O quê? — Geoffrey rosnou, voltando-se para o irmão e seguindo em sua direção, como se fosse atacá-lo com a mesma vontade que tinha de me atacar. Mas Billings se aproximou a passos

largos e o segurou por trás pelos dois braços. Geoffrey gritou e se debateu como se tivesse a intenção de fazer algo consideravelmente desagradável; Lorde Rodney tocou o sino novamente enquanto ele recuava.

— Use todos os meios necessários, chame o lacaio para lhe ajudar, se for preciso — ele disse a Billings, e fazendo um sinal para que eu o acompanhasse, saiu da sala por outra porta.

— Por favor, guarde essa coisa assustadora — ele me disse, no momento em que colocamos os pés no corredor.

Eu embainhei minha adaga, mas parecia que ele se recusava a dar as costas para mim, deixando-me andar à sua frente enquanto subíamos as escadas? Eu esperava que me levasse a uma sala de visitas ou à biblioteca, ou a algum lugar quieto onde pudéssemos sentar e negociar nossos termos, concordando mutuamente em como trocar a minha mensagem por sua refém. Mas, em vez disso, subimos três lances de escadas sem pronunciar uma palavra — uma escadaria larga e graciosa na parte da frente da casa, e não escadas estreitas dos fundos. Então eu não comecei a me sentir temerosa até que ele me levou, ou melhor, me direcionou, na direção do que notei ser o topo de uma das torres brancas de mármore da mansão.

Um ótimo lugar para uma prisão temporária.

Parei onde estava, virando-me para olhar para o rosto de Lorde Rodney.

E ele parou, submetendo-se ao meu escrutínio. Apesar de muito pálido, ainda mais na boca, ele parecia composto.

— Se você realmente deseja que eu seja um Lorde Whimbrel digno do nome de meu pai — disse, soando particularmente um pouco fraco, mas também não muito instável —, então, você deve concordar em confiar em mim. Certo?

E, na verdade, qual era minha alternativa? Fugir correndo, deixando a Sra. Tupper à sua própria sorte? Hesitei por apenas um

momento antes de responder:

— Muito bem. Certo.

E com um fraco aceno de cabeça ele me mostrou uma porta estreita, pesada e escura. Ele pegou uma enorme chave e a girou na fechadura. Abrindo a porta e ficando ao seu lado, ele fez menção para que eu entrasse.

Confesso que não entrei imediatamente. Em vez disso, parei na entrada do pequeno quarto com inúmeras lâmpadas a gás e castiçais com velas, e, nessas luzes, segue-se o que vi, não necessariamente nesta ordem:

Cortinas coloridas de chita.

Uma cama de latão cheia de travesseiros e acolchoados.

Um vaso cheio de flores de macieira.

Um prato de morangos frescos.

Uma jovem empregada sentada em uma cadeira reta segurando as mãos e esperando, como se alguém precisasse dela.

Uma mesa, na qual havia um estereoscópio.

Ao lado, uma poltrona exageradamente estufada.

Nela, apoiada por travesseiros enquanto olhava as imagens tridimensionais que haviam sido colocadas ali para sua distração, estava sentada a Sra. Tupper.

Imagine qual foi minha sensação, tão forte e estranhamente confusa; um alívio tão grande que fez meus joelhos perderem a firmeza, mas também senti assombro, raiva irracional e um pouco de inveja — ninguém *me* deu morangos frescos ou um estereoscópio! No fim, estava quase dominada por uma emoção descontrolada, a qual não tive tempo de disciplinar, pois, no momento em que vi a Sra. Tupper, ela também me viu. Com um grito parecido com o de um estorninho, ela se colocou de pé e tropeçou na minha direção. Eu me apressei para não deixá-la cair. Ela se precipitou em lançar seus braços em volta de minha cintura.

— Srta. Meshle! — estava chorando, e devo admitir que eu também.

A empregada se levantou, fez uma reverência e então saiu do quarto, sem dúvida ao sinal silencioso de Lorde Rodney. Ele estava parado ao lado da porta, esperando a tempestade se acalmar, com o olhar de alguém que havia esquecido seu guarda-chuva.

— Ah, Srta. Meshle — reiterou a Sra. Tupper. — Ah, Srta. Meshle, estou tão feliz em vê-la, Srta. Meshle!

Acariciando sua cabeça, que mal chegava à altura do meu ombro, notei que ela usava uma nova e delicada touca, com fitas em tom lavanda, e um vestido novo também lavanda, para combinar. Falando de modo irônico, na tentativa de secar meus sentimentos, eu disse:

— Parece-me que você não foi maltratada.

— Hã? — Ela esticou sua cabeça como uma tartaruga, com uma mão atrás do ouvido.

Instantaneamente tudo pareceu tão irritantemente normal que me acalmei. Suspirei fundo e vociferei direto em seu ouvido:

— Você está bem?

— Ah! Sim, obrigada, querida — ainda chorosa, ela apontou para Lorde Rodney. — Ele é um cavalheiro que merece as polainas que usa. Mas o outro queria me jogar no rio!

— Eu nunca em minha vida usei polainas. E o outro... — disse Lorde Rodney, com tom de humor negro em sua voz — ...estará em um navio para a Austrália ainda esta semana.

A Sra. Tupper, que não conseguiu ouvi-lo, gritou:

— Eu fiquei tão assustada. Muito!

— Pobrezinha — é claro que ela esteve terrivelmente assustada, sem saber quem eram essas pessoas, ou o que queriam, ou qual dos dois era o mais jovem e o mais velho, ou como sairia dali.

— Pronto, pronto — eu murmurava futilidades tranquilizadoras, mesmo sabendo muito bem que ela não conseguiria me ouvir. Eu acariciei as costas curvadas dela, falando com Lorde Rodney por cima de sua cabeça.

— Uma ideia excelente. Os talentos de seu irmão serão muito mais úteis e apreciados naquele lugar selvagem — disse-lhe sinceramente.

Mas temo que não possa me lembrar o que ele respondeu, pois quando direcionei meus olhos em sua direção, vi um rosto olhando para dentro pela janela atrás dele.

Isso foi muito assustador, se considerarmos que estávamos em um quarto a quatro andares do chão. Igualmente assustado estava o rosto, com seu nariz pontudo pressionado contra o vidro, formando um triângulo branco entre os cabelos brancos.

Mesmo assim, em vez de pular e gritar, sorri. Na verdade, eu lancei a meu irmão Sherlock um olhar bastante insolente, imaginando como ele devia estar pendurado nas pedras do lado de fora. Senti muita vontade de mostrar a língua para ele, mas não podia, é claro, já que Lorde Rodney teria visto.

Em vez disso, perguntei àquela pessoa nervosa:

— Podemos descer?

— É claro, Srta. Meshle... esse é o seu nome, não é?

Não era, falando estritamente, então respondi docemente:

— Não há razão para que eu negue.

— A Sra. Tupper tem em você uma inquilina notavelmente fiel, Srta. Meshle. De todo modo, vamos para um lugar onde podemos todos nos sentar. Devo pedir um pouco de chá?

— Seria maravilhoso.

Capítulo décimo quarto

As negociações se deram em uma sala de estar grandiosa, e levaram algum tempo. Lorde Rodney precisava de uma grande dose de segurança, mas, ao mesmo tempo, eu queria que ele desse à Sra. Tupper uma boa quantia em dinheiro. Eram dois objetivos a conciliar ou realizar ao mesmo tempo.

Tentei argumentar com ele:

— A Sra. Tupper não tem ideia de qual é o seu nome, ou o nome de seu irmão, ou quem você é, ou para onde ela foi levada ...isso não é o bastante?

Ele olhou melancólico para a velha mulher, que, muito confortável com o chá e com minha presença, cochilava na poltrona de veludo azul.

— Sim, acredito que esteja correta.

— E, sem dúvida, você também deve ter notado que ela tem certa dificuldade em se comunicar.

— Verdade.

— E ela não tem nada de vingativo. Uma vez segura e em casa, com alguma recompensa pelo problema que teve, não dirá mais nada sobre o caso. Nenhum morador do Distrito Leste jamais falaria com a polícia.

— E quanto a você? Em seu bilhete, você disse que iria às autoridades.

— Eu disse o que senti ser necessário no momento. Certamente, agora que você me conheceu, compreenderá que posso ser discreta.

— Pelo contrário. Entendi que pode brandir uma adaga.

— Assim como qualquer mulher sensata faria sob tais circunstâncias.

Ele me olhou com desconfiança.

— Você não é uma mulher comum.

Temo que tenha revirado os olhos.

— Eu confiei em você. Agora, pode confiar em mim. Uma vez que você conceda alguma segurança financeira para a velhice da Sra. Tupper...

— Não quer dinheiro para você? — ele interrompeu, desconfiado.

— Não, eu lhe asseguro.

— E não vai dizer nada a Florence Nightingale sobre isso?

— Absolutamente nada. Não vejo razão para ter que colocar os pés em sua graciosa casa novamente.

— Então, você promete que não haverá consequências prejudiciais?

— Nenhuma. Para mim, eu pensava amargamente, as consequências seriam bem piores que qualquer uma que ele pudesse enfrentar. Sherlock sabia da Sra. Tupper, eu teria que desistir de morar com ela e teria que encontrar um novo lugar para morar. Ou também, como poderia bem ser o caso, Sherlock me pegaria essa noite, imediatamente após minha saída de Whimbrel Hall! Estava bem ciente de que ele esperava por mim; de tempos em tempos o observava espreitando pela janela da sala de visitas.

E me concentrando com dificuldade em Lorde Rodney, continuei:

— Sem dúvida, você pode perceber que, pessoalmente, não ofereço o menor risco a você. E pela casa dos Whimbrel, cultivo apenas um enorme respeito. Na verdade, compartilho da elevada opinião de Florence Nightingale.

E assim tentava estender consideravelmente aquele tempo. Mas, eventualmente, depois de muita persuasão e muitas promessas,

uma bela soma em dinheiro mudou de mão — e tenho certeza de que o pobre Lorde Rodney acreditava, apesar de todos os meus juramentos em contrário, que estava me subornando por silêncio. Enfieei a mão na minha bolsa e presenteei Vossa Nobreza com um rolo de fita azul com flores bordadas.

E, compreensivelmente, ele parecia surpreso.

— O que é isto?

— A mensagem perdida — respondi a ele. — E aqui está o que traduzi.

Entreguei a ele os papéis onde havia escrito a lápis a mensagem codificada. E me levantei e toquei a Sra. Tupper no ombro, despertando-a, enquanto dizia a Lorde Rodney:

— Temos que ir agora. Ficaria muito grata se você chamasse sua carruagem.

Isso seria muito necessário se eu quisesse escapar de meu irmão, pois com certeza a Sra. Tupper não poderia correr e subir em árvores comigo.

— Não farei nada disso — Lorde Rodney soava como se houvesse descoberto completamente que era de fato o Lorde Whimbrel; pior, ele soava muito irritado, como é de se esperar do gosto masculino pelo dinheiro. — Você não vai a lugar nenhum. Sente-se e explique esta coisa sem sentido.

— Não é sem sentido — embora devesse estar preparada, seu temperamento me pegou desprevenida, e meu tom de voz aumentou para se igualar ao dele. — Isso me trouxe um grande problema, e...

E só Deus sabe como as coisas terminariam se, bem nesse momento, um barulho alto de algo se quebrando não ressoasse no andar de cima, junto com gritos e o som de pés descendo os degraus, além de um grande tumulto por toda a casa, enquanto Geoffrey Whimbrel surgia como um raio, perseguido por dois lacaios com sapatos afivelados, meias brancas compridas, calças até os

joelhos, jaquetas vermelhas e perucas brancas. Isso daria um estudo interessante: por que serventes decorativos devem se vestir como as pessoas da alta classe se vestiam no século passado? Era uma coisa pouco prática. Uma das perucas dos lacaios tombou para o lado e a do outro caiu, enquanto ele se lançava atrás de seu jovem senhor. Ao pé da escada o mordomo, Billings, juntava-se à perseguição berrando algo desnecessariamente:

— Ele conseguiu fugir, meu senhor!

Lorde Rodney já havia se colocado de pé, e como uma flecha seguia na direção do *hall* de entrada, que mais parecia um museu, pois seu irmão mais jovem corria para a porta da frente. Eu também saltei para ver, e a Sra. Tupper, na maior velocidade possível para sua idade e suas costas curvadas, também o fez. Na verdade, gritos e berros, tanto femininos quanto masculinos vinham da cozinha e de outras regiões da casa, e surgiam criados correndo para observar a confusão. Aparentemente surgida do nada, uma multidão se reuniu.

Os dois lacaios, o mordomo e Lorde Rodney se atracaram com Geoffrey como buldogues contra um urso, mas até mesmo a combinação de suas forças falhou em conter a corrida dele até a porta. Eles agarraram a barra do casaco de Geoffrey e seguraram seus ombros, ele abria os ferrolhos e girava a maçaneta, escancarando a porta...

Claramente visível, na luz fulgurante dos archotes da área coberta de mármore do outro lado da porta, aguardava uma figura notavelmente alta e com feições angulares, coberto por enormes e malcuidados cabelos e barba branca.

Talvez tenha sido a única que não ficou totalmente surpresa.

Com exceção, aparentemente, de Geoffrey. Enfurecido ou desesperado muito além desses significantes sentimentos de surpresa, ele não parou. E se libertando das irritantes pessoas que se agarravam às suas roupas, saiu porta afora como se quisesse passar por cima do barba branca.

Mas, em vez disso, correu para o que poderia ter sido um raio de luz. De um modo ligeiro e inesperado, o homem alto desferiu um golpe cortante com a ponta de sua mão esticada, e esticou uma das longas pernas — pobre de mim, que não poderia descrever completamente as manobras que, pelas referências nos escritos do Dr. Watson, demonstravam a oriental arte marcial do jiu-jítsu, nem conseguiria detalhar o combate com uma mão só que deixou Goeffrey caído no chão de costas e com o barba branca por cima dele. Eu sequer poderia ter o prazer de observar a perícia de meu irmão ou o assombro dos observadores ao ver um velho magro nocauteando um jovem e forte aristocrata. Eu retive apenas uma lembrança muito fragmentada de tudo isso, pois não fiquei para assistir.

Em vez disso, segurando a Sra. Tupper pela mão, eu me apressei para os fundos da casa, com a intenção de sair por ali enquanto todos, incluindo Sherlock — especialmente Sherlock —, estavam ocupados na parte da frente.

Embora a Sra. Tupper mantivesse sua maior velocidade possível, ainda não era bom o suficiente. Assim, eu a peguei em meus braços, passei seu pouco peso por sobre um de meus ombros e corri com ela pelos corredores e passagens de serviço que estavam completamente desertas, bem como a cozinha. Saí por sua porta e subi os degraus da área por onde escapamos, passando pelo usual labirinto de construções — cozinhas ao ar livre, barracões de ferramentas, canis, garagens de carruagem — até que chegamos ao portão dos fundos, que nos fez parar por um momento. Aquela proteção, feita para manter os intrusos do lado de *fora*, é bem simples de se abrir por dentro. E ainda carregando a Sra. Tupper — embora confesse estar ficando completamente sem ar —, corri ao longo de um beco lateral e cheguei à rua.

Ali, sob o brilho melancólico de uma lâmpada a gás, e fora da vista de Whimbrel Hall, eu me senti um pouco mais segura.

Colocando a Sra. Tupper novamente em pé, parecendo ainda mais fraca, eu parei e a examinei, procurando algum machucado.

— Você está bem? — perguntei suavemente, pois não desejava atrair a atenção da vizinhança por meio de gritos, esperando que a Sra. Tupper fosse capaz de ler meus lábios.

E assim pareceu ser.

— Srta. Meshle — ela tremulou; sua voz, e seus olhos estavam molhados. — Sou eternamente grata a você, eu...

— Shhhh — tive que desviar o olhar dela, pois naquele momento algo me golpeou, e foi grande a dor no coração ao lembrar que precisaria abandoná-la.

E então eu, Enola, cujo nome soletrado de trás para a frente significa *alone*, sozinha em inglês, ficaria ainda mais solitária do que nunca sem a Sra. Tupper — minha surda e idosa senhoria que me servia os mais terríveis jantares —, quem, apesar disso, havia sido como uma mãe para mim.

Ah, mãe. Onde você está?

Esse foi o pior pensamento que eu poderia ter tido... Mais e mais, embora tentasse negar, eu me sentia irracionalmente certa de que nunca mais veria minha mãe novamente, certa de que ela havia sucumbido à sua idade avançada, e os ciganos, nômades ignorantes, a haviam deixado em algum lugar, em um túmulo sem nome.

Pare com isso, Enola.

Mal conseguindo conter as lágrimas, segurei o braço da Sra. Tupper e me apressei pela rua até que, enfim, vendo um táxi se aproximando, fiz o sinal para que parasse.

Dentro do esconderijo do veículo entreguei à Sra. Tupper o dinheiro que havia tirado de Lorde Rodney Whimbrel, calando seus protestos surpresos. Eu precisava me certificar de que ela nunca passasse fome ou ficasse sem meios de sobreviver. Vi que guardou as notas de cem libras bem fundo dentro do decote. Quando

chegamos à sua humilde casa no Distrito Leste de Londres, nós duas saímos, mas pedi para o condutor esperar.

Deixando a Sra. Tupper no andar inferior, reclamando da bagunça de sua casa, corri até meu quarto — que logo não seria mais meu —, onde joguei dentro de uma enorme bolsa apenas minhas posses mais importantes e insubstituíveis: peruca, emolientes faciais, e vários outros disfarces essenciais, minha adaga extra, todo o meu dinheiro, e o pequeno livro de criptografias feito à mão, decorado com flores aquareladas, que havia sido o último presente de minha mãe.

Desci correndo as escadas com a bagagem na mão e encontrei a Sra. Tupper — demonstrando mais inteligência do que havia creditado a ela —, esperando perto da porta, apertando contra o peito a caixinha de madeira entalhada que continha seus escassos documentos, memórias da sua vida, com uma expressão miserável em seu rosto.

— Srta. Meshle, não me deixe aqui sozinha, não depois do que aconteceu — ela implorou. — Não me sinto segura aqui, este aqui não é mais meu lar. Me leve com você.

O tempo pareceu andar em círculos, e parecia oscilar e parar fora de equilíbrio. Levá-la comigo? Ah, se minha mãe tivesse me levado com ela!

Mas onde... de que modo... como eu poderia...

Explosivamente, minha mente reagiu à sua própria consternação: *Não se importe com as dificuldades*. Para o inferno com Sherlock Holmes e Mycroft Holmes, que se dane qualquer ameaça que possam significar para mim, eu simplesmente *não* podia abandonar a Sra. Tupper.

O tempo voltou a se mover, agora centrado.

— Venha comigo, então, rápido! — seu rosto enrugado se iluminou quando a peguei pela mão.

Juntas, corremos para o táxi.

— Para onde agora, senhorita? — o condutor perguntou.

E bem alegre eu respondi:

— Não tenho ideia!

Embora em breve eu saberia, havia aprendido a confiar no modo peculiar como meu coração e mente trabalhavam.

— Apenas vá para o oeste.

E, assim, seguimos na direção do centro de Londres.

Maio, 1889

— Eu não consigo mais fazer bordados — observou Florence Nightingale com nostalgia, mas sem autopiedade, enquanto seus dedos percorriam um pedaço de fita azul, lindamente bordada com cinco trientais e pequenas rosas arredondadas, algo que seu visitante depositou sobre a colcha de sua cama. — Minhas mãos não conseguem mais manusear uma agulha — de fato, elas estavam desfiguradas de tanto escrever, o que era muito mais importante.

Trabalho com agulhas é uma atividade frívola. Tais eram os pensamentos daquela que, uma vez, havia sido muito conhecida como a Dama com a Lamparina, enquanto ela voltava sua plácida atenção ao seu visitante.

— Você disse que Lorde Rodney Whimbrel deseja que eu fique com isso. Por quê?

Parado perto dela, pois não fora convidado a se sentar, mesmo tendo sido ela quem havia pedido a ajuda de Sherlock Holmes, aquela intrusão não duraria muito. O famoso detetive respondeu:

— Lorde Whimbrel espera que isso demonstre que o caso chegou ao final, e que ele continua sendo seu mais leal admirador.

— E ele deseja que eu me esqueça de como o caso começou?

— Embora Lorde Rodney tome para si a responsabilidade do que aconteceu, Srta. Nightingale, mesmo assim, deve-se considerar que foi o irmão dele, Geoffrey, quem provocou tudo. E ele não provocará mais nada. Sendo as outras opções bem piores, ele concordou em embarcar em um navio para as colônias.

— Então devo evitar o julgamento, esperando que Lorde Rodney mostre crescimento de sua força moral no futuro.

Enquanto falava, de modo pensativo, Florence Nightingale observava o homem alto, magro e de traços angulosos, extremamente vertical perto de seus arredores serenamente horizontais. Em seu “Srta. Nightingale” ela ouvira certo galanteio, sim, mas também uma pitada de condescendência. Ela não tinha intenção de falar com ele sobre uma garota alta, mas...

Deixando as fitas bordadas de lado, ela gesticulou para que Sherlock Holmes se sentasse. E, quando ele o fez, ela disse do seu jeito suave costumeiro:

— Sem dúvida, você deve estar se perguntando porque não tentei deter sua notável irmã naquela precipitada fuga alguns dias atrás. Não... enquanto isso, ele fechava a cara e levantava um dos dedos enluvados, tentando terminar a conversa. — Deixe-me falar. Eu não tinha ideia, até que você me disse, de que... Enola, é esse o nome dela? De que Enola é uma garota de apenas quatorze...

Com muito menos do que sua cortesia habitual, Sherlock Holmes a interrompeu:

— Não importaria se ela tivesse, ou se aparentasse ter, vinte e quatro! Você deixaria sua *filha*, se tivesse uma...

Mas Florence Nightingale interrompeu a interrupção, de maneira suave e aparentemente tangencial.

— Eu conheci sua mãe, entenda, Sr. Holmes.

Ele não entendeu, e essa revelação o abalou de certa forma, pois se recostou na poltrona e observou a inválida. Uma mulher notável, com um rosto liso, cabelo brilhante partido ao meio de uma maneira antiquada e ostentando sua estranha toca... ele estudava Florence Nightingale com sobrancelhas preocupadas.

— Eudoria Vernet Holmes. Uma mulher profundamente admirável — continuou a Dama da Lamparina. — Total e eficientemente comprometida com as reformas. Ela escolheu lutar

pelos direitos das mulheres, enquanto eu voltava minha atenção para os doentes e feridos, mas nós nos respeitávamos muito. Você teve alguma notícia dela, Sr. Holmes?

— Então você está ciente de que ela está desaparecida? Não, não tive nenhuma notícia. — Ele hesitou apenas um instante antes de perguntar: — Você teve?

Ah! Ele se importava com sua mãe.

— Sinto muito em dizer que não. Será que ela fugiu para a Crimeia? — e se ridicularizando levemente, Florence Nightingale falava brandamente, mas com preocupação.

— Sou quem sou, mas mal consigo conter uma mulher, não importa de qual idade... — Sherlock Holmes se inclinou para a frente, cortando-a com um gesto como o golpe de jiu-jítsu. E, de um modo interessante, não falava de Enola Holmes, mas sim, de Eudoria. — Meu irmão e eu tivemos uma disputa com nossa mãe. E agora, olhando para trás, tudo parece muito sem sentido — disse simplesmente, com uma inesperada amargura. — Mesmo assim, não havia razão para que ela...

— Mas você não consegue entender — interrompeu Florence Nightingale com seu jeito suave de falar, e ainda assim com grande autoridade. — Do ponto de vista dela, havia todas as razões, obviamente? E sua irmã, também, alguns dias depois, parecia ter a mais convincente razão para agir como agiu.

A Srta. Nightingale hesitou, e então decidiu dizer:

— Ela parecia estar com um medo terrível de você.

Embora ele não tenha realmente recuado, ela viu como suas palavras o atingiram como um golpe. Apoiando os antebraços em seus joelhos, ele uniu as mãos e abaixou a cabeça, olhando para elas.

Pacientemente, a Srta. Nightingale esperou por uma reação.

— Não posso negar isso — ele disse, após um longo tempo. — E, mesmo assim, com a aplicação das minhas habilidades mentais

não consigo entender por que ela tem tanto medo de mim. Eu nunca faria nada para machucá-la, e ela sabe disso, tenho certeza. Ela até, de vez em quando, demonstra uma inegável afeição por mim.

Uma boa enfermeira sabe quando deve ficar em silêncio e deixar um paciente falar. Florence Nightingale esperou um pouco mais.

— Meu irmão Mycroft e eu queremos apenas o que for melhor para a garota — Sherlock Holmes continuou. — Alguma educação futura, uma boa escola preparatória...

— Ah! — de modo súbito e completo Florence Nightingale compreendeu. — Você a ameaçou com a escola preparatória!

Sherlock Holmes ergueu a cabeça com um olhar intrigado, quase infantil, em seu rosto.

— Isso não é uma ameaça...

— Meu bom Deus, sua mãe não lhe contou? — ainda que, na verdade, a ignorância dele não fosse mais extensa do que a de outros homens. — Os sofrimentos de uma garota da classe alta em uma escola preparatória típica é só um pouco menos severa do que os de um criminoso preso em um campo de trabalho. Eu falo de rigorosas dores físicas, que invariavelmente resultam em deformidade e às vezes até em morte.

O grande detetive estava sentado com a boca entreaberta, perturbado.

— Meu bom homem — Florence Nightingale disse a ele gentilmente. — Por favor, me perdoe por ser tão inescrupulosamente brusca e, de fato, grosseira, mas sou uma mulher velha e, como tal, devo dizer o que os outros não dizem: alguns objetos de tortura são misericordiosos se comparados a um corpete totalmente apertado.

Esta é uma palavra que nunca é mencionada em uma sociedade educada, muito menos em companhia mista. Ao ouvir isso, o homem de ação levantou as duas mãos em protesto, e um rubor

pôde ser visto em seu rosto aquilino. Mas Florence Nightingale perseverou:

— Por que — ela desafiava o intelecto dele. — Você acha que mulheres que andam na moda desmaiam constantemente? E morrem das mais leves indisposições, ou ao dar à luz? Ou ocasionalmente vai sumindo e sucumbe antes mesmo de chegar à idade de engravidar? É porque são comprimidas na cintura em uma prática não muito mais civilizada do que atar os pés das mulheres chinesas! Sem conforto, e sem saúde... não é de se estranhar que sua irmã tema você. Fugindo da escola preparatória, ela está literalmente fugindo para salvar a própria vida.

— Mas... mas isso simplesmente não pode ser tão ruim como você diz! — exclamou Sherlock Holmes. — Tradição... elegância... gerações de damas têm sobrevivido...

— Pode-se dizer com uma lógica similar que, tradicionalmente, gerações de soldados têm *sobrevivido* a guerras — comentou Florence Nightingale.

Mas, então, com o instinto diplomático com que lidou durante toda uma vida com homens autoritários, ela mudou o rumo da conversa.

— Eu nunca tive um filho, mas eu *tive* um irmão, e eu simpatizo com sua preocupação — ela assegurou ao visitante. — Talvez a Sra. Tupper possa lhe dizer algo sobre o paradeiro de sua irmã?

No andar de baixo o piano ressoou, enchendo a casa com as escalas majestosas de Beethoven e, embora nem o grande detetive, nem a grande reformista pudessem ver a Sra. Tupper naquele momento, os dois sabiam onde ela estava: sentada ao lado do instrumento, em transe e estática porque ela conseguia ouvir a música.

Com uma risada fria, Sherlock Holmes recostou na poltrona.

— Não, não há nada a se retirar da Sra. Tupper, tenho certeza de que Enola sabe muito bem disso. As voltas audaciosas que essa

garota dá... — ele continuou, em tons de surpresa e exasperação misturados. — ...nunca deixa de me surpreender. Por ela se aventurar a vir aqui quando eu estava a um quarteirão de distância, em Whimbrel Hall, tentando descobrir sua trilha, por ela deixar a pobre senhora aqui como se fosse uma visitante esperada...

Suavemente, Florence Nightingale fez uma colocação:

— Mas estou satisfeita em poder cuidar da Sra. Tupper em sua velhice.

— Muita bondade de sua parte, tenho certeza — ele respondeu de modo abrasivo, mas logo depois corrigiu o tom. — E seria bondosa também em mandar me avisar, caso minha irmã venha visitá-la?

Florence Nightingale hesitou um pouco antes de responder, parecendo não entender a pergunta.

— Eu me recordo que você tem um irmão mais velho.

— Mycroft. Sim.

— Que também é solteiro, recluso, misantropo e, na verdade, um misógino e bem resolvido da maneira que é?

Como era possível que ela soubesse tanto? O grande detetive fechou a cara novamente.

— Fico lisonjeado de ter alguma influência sobre ele.

— Todavia, Sr. Holmes, ele é a autoridade legal. Agora, como poderei saber se sua irmã vier aqui? — disse Florence Nightingale com seus grandes olhos doces e inocentes. — Eu nunca vou ao andar de baixo.

Sherlock Holmes, que também possuía os instintos de um diplomata, sabia quando um impasse era alcançado. Sem mais comentários, ele se levantou, dizendo:

— Srta. Nightingale, estou encantado de tê-la encontrado — falou, parando ao lado de sua cama, pegando uma de suas mãos meio debilitadas e se curvando sobre ela. — Se, futuramente, puder servi-la, por favor, não hesite em me chamar.

Seus pensamentos, enquanto ele se retirava, estavam longe de encantados. Ao passar silenciosamente pela Sra. Tupper, que estava em sua cadeira de balanço perto do piano, Sherlock Holmes considerava que, certamente, Enola visitaria a idosa. Portanto, ele deixaria de prontidão os soldados Irregulares de Baker Street, sua tropa de meninos de rua, para que vigiassem a casa. Assim, ele tinha uma chance muito grande de capturar sua irmã, maldita e abençoada seja a audaciosa garota, que se acha tão esperta...

Mas, e depois?

Havia a possibilidade de ser verdade as coisas preocupantes e indelicadas que Florence Nightingale havia contado a ele?

Se sua mãe estivesse ali, ela lhe diria as mesmas coisas?

Ah, Deus! Estaria ele perdendo sua mente mundialmente famosa, desejando pedir os conselhos de sua mãe, quem havia negligenciado completamente um ano atrás?

Sua mãe, aquela que não conseguia localizar?

Para o inferno com tudo! Por que aquela excêntrica teve de fugir? E por que sua irmã fez a mesma coisa, e por que continua fazendo? Talvez — e este era um pensamento difícil de admitir para um homem de ação —, talvez ele estivesse levando as coisas de maneira errada, achando que deveria ficar com Enola nas mãos?

Para seu próprio bem?

Enquanto saía da graciosa casa de Florence Nightingale, pela primeira vez, a mente brilhante do grande detetive se perguntou, de fato, qual poderia ser o bem para sua irmã. Escola preparatória, educação com a bênção da sociedade, introdução à sociedade bem-educada, preparação para o casamento... embora fossem apropriados e tradicionais, será que, ainda assim, esses seriam necessariamente os melhores planos para *Enola*?



Notas do livro



[1](#) Tipo de carruagem (N.T.).

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

